

Caderno de resumos do Colóquio Internacional  
Intencionalidade ontem e hoje: cem anos da  
morte de Franz Brentano



XVI Semana de filosofia e VII Semana PET-Filosofia

Ernesto M. Giusti  
Evandro O. Brito  
Gilmar Evandro Szczepanik  
(Orgs.)

**A**POLODORO  
VIRTUAL EDIÇÕES



Caderno de resumos do  
**Colóquio Internacional**  
**Intencionalidade ontem e hoje:**  
cem anos da morte de Franz Brentano  
XVI Semana de filosofia e  
VII Semana PET-Filosofia

## **APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES**

### **SÉRIE “FILOSOFIA, ARTE E EDUCAÇÃO”**

**Editor da série:** Jason de Lima e Silva (UFSC/Brasil)

#### **Comitê Editorial**

- Aline Medeiros Ramos (UQAM e UQTR/Canadá)
- Alexandre Lima (IFC/Brasil)
- Arthur Meucci (UFV/Brasil)
- Caroline Izidoro Marim (UFPE/Brasil)
- Charles Feldhaus (UEL/Brasil)
- Cleber Duarte Coelho (UFSC/Brasil)
- Elizia Cristina Ferreira (UNILAB/Brasil)
- Fernando Mauricio da Silva (FMP/Brasil)
- Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann (UFFS/Brasil)
- Gilmar Evandro Szczepanik (UNICENTRO/Brasil)
- Gislene Vale dos Santos (UFBA/Brasil)
- Gilson Luís Voloski (UFFS/Brasil)
- Halina Macedo Leal (FSL-FURB/Brasil)
- Héctor Oscar Arrese Igor (CONICET/ Argentina)
- Jean Rodrigues Siqueira (UNIFAI/Brasil)
- Joedson Marcos Silva (UFMA/Brasil)
- Joelma Marques de Carvalho (UFC/Brasil)
- José Cláudio Morelli Matos (UDESC/Brasil)
- Leandro Marcelo Cisneros (UNIFEFE/Brasil)
- Lucio Lourenço Prado (UNESP/Brasil)
- Luís Felipe Bellintani Ribeiro (UFF/Brasil)
- Maicon Reus Engler (UNICENTRO/Brasil)
- Marciano Adílio Spica (UNICENTRO/Brasil)
- Marília Mello Pisani (UFABC/Brasil)
- Noeli Ramme (UERJ/Brasil)
- Paulo Roberto Monteiro de Araujo (Mackenzie/Brasil)
- Renato Duarte Fonseca (UFSM/Brasil)
- Renzo Llorente (Saint Louis University/Espanha)
- Rogério Fabianne Saucedo Corrêa (UFSM/Brasil)
- Vanessa Furtado Fontana (UNIOESTE/Brasil)

ERNESTO M. GIUSTI  
EVANDRO O. BRITO  
GILMAR EVANDRO SZCZEPANIK  
(ORGS.)

Caderno de resumos do  
**Colóquio Internacional**  
**Intencionalidade ontem e hoje:**  
cem anos da morte de Franz Brentano  
XVI Semana de filosofia e  
VII Semana PET-Filosofia

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES  
2017

## APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES

**Direção Editorial:** Charles Feldhaus  
**Coordenação Administrativa:** Simone Gonçalves

**Diagramação:** Apolodoro Virtual Edições

**Preparação:** organizadores

**Revisão:** autores

**Capa:** Pedro Gabriel Gubert Teo

**Concepção da obra**

Grupo de Pesquisa Ética, Política e Cidadania/UNICENTRO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122

Caderno de Resumos do Colóquio Internacional  
Intencionalidade Ontem e Hoje: cem anos da morte  
de Franz Brentano - XVI Semana de Filosofia e VII  
Semana Pet-Filosofia. / Ernesto M. Giusti, Evandro  
O. Brito, Gilmar E. Szczepanik (Orgs.) – 1 ed. –  
Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2017.  
119 p.

ISBN 978-85-93565-14-4 (e-book)

1. Filosofia. 2. Filosofia da mente. 3. Historia da  
Filosofia. 4. Intencionalidade. I. Giusti, Ernesto M.  
II. Brito, Evandro O. III. Gilmar E. Szczepanik. VI.  
Título.

CDD 100

Atribuição - Uso Não-Comercial  
Vedada a Criação de Obras Derivadas

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES  
editora@apolodorovirtual.com.br  
Rua Coronel Luís Lustosa, 1996 Batel, Guarapuava/PR  
85015-344

## AGRADECIMENTOS

Somos gratos aos membros do PET-Filosofia UNICENTRO, do grupo de pesquisa Ética, Política e Cidadania (CNPq), do Departamento de Filosofia UNICENTRO, à Pró-reitora de Extensão e Cultura da UNICENTRO, à Fundação Araucária, à Apolodoro Virtual Edições e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Ensino de Filosofia - FEF/UTFPR - pelas contribuições e colaborações, não apenas na organização deste trabalho, mas na produção do evento.

*Ernesto M. Giusti*  
*Evandro O. Brito*  
*Gilmar Evandro Szczepanik*



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	15
--------------------	----

## CONFERÊNCIAS

### INTENCIONALIDADE E EXPERIÊNCIA

Prof. Dr. André Leclerc .....	19
-------------------------------	----

### BRENTANO Y EL “MÉTODO PSICOLÓGICO”

Prof. Dr. Mario Porta .....	21
-----------------------------	----

### BRENTANO ON PERCEPTION

Prof. Dr. Guillaume Fréchette .....	23
-------------------------------------	----

### LA QUESTION CARTÉSIENNE CHEZ BRENTANO ET TWARDOWSKI ET SES ENJEUX PHÉNOMÉNOLOGIQUES

Prof. Dr. Wojciech Starzynski.....	25
------------------------------------	----

### TECNOLOGIA E INTENCIONALIDADE

Prof. Dr. Gilmar Evandro Szczepanik.....	27
--	----

### APONTAMENTOS DA FILOSOFIA CULTURAL DE RICHARD RORTY

Prof. Dr. Claudio César de Andrade.....	29
---	----

## PALESTRAS

### GEOMETRIA E CONCEITO DE ESPAÇO NO BRENTANO TARDIO

Prof. Msc. Ernesto M. Giusti.....	33
-----------------------------------	----

BRENTANO E FREUD: FENÔMENO PSÍQUICO E REALIDADE PSÍQUICA Prof. Dr. Gleisson R. Schmidt.....	35
BRENTANO E A RENOVAÇÃO COMO RETOMADA DO CARÁTER CIENTÍFICO DA FILOSOFIA Prof. Msc. Alceu Cavalheiri .....	37
A ÉTICA DE FRANZ BRENTANO E A INTERPRETAÇÃO DE RODERICK CHISHOLM Prof. Dr. Evandro O. Brito .....	39
INTENCIONALIDADE EM ARISTÓTELES? De anima 424a18 e a tese da ‘modalidade de inexistência intencional’ de Brentano Prof. Dr. Manuel Moreira da Silva.....	41
BRENTANO E NISHIDA: FENÔMENOS DA CONSCIÊNCIA E A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO NA PRIMEIRA FASE DA ESCOLA DE KYOTO Prof. Dr. Ricardo Evandro S. Martins .....	43
O QUE VEM PRIMEIRO, A INTENCIONALIDADE OU A TRIANGULAÇÃO? Prof. Msc. Juliana de Orione Fagundes.....	45
INTENCIONALIDADE E EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO NO PENSAMENTO DE DENNETT E FLORIDI Prof. Dr. José Claudio Matos .....	47
INTENCIONALIDADE E SINGULARIDADE EM SARTRE Prof. Dr. Marcelo Prates .....	49

A ESTRUTURA DA CONSCIÊNCIA SEGUNDO BRENTANO E SARTRE Prof. Dr. Jean Rodrigues Siqueira .....	51
--	----

MESA REDONDA  
FILOSOFIA FRANCESA

A PERSPECTIVA BIOPOLÍTICA DE MICHEL FOUCAULT Lucilene Gutelvil .....	55
---	----

A ESTÉTICA DE SARTRE Prof. Dr. Marcelo Prates .....	57
--	----

COMUNICAÇÕES  
INTENCIONALIDADE

INTENCIONALIDADE EM HUSSERL E BRENTANO Bruno Alves Macedo .....	61
--	----

DE BRENTANO A HUSSERL: REPRESENTAÇÃO, JUÍZO E INTENCIONALIDADE Daniel Peluso Guilhermino .....	63
--	----

CONSCIÊNCIA, INTENCIONALIDADE E NEGAÇÃO EM SARTRE Prof. Jonathan Camargo da Silva.....	67
--	----

A HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE EM MARTIN HEIDEGGER E A INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DE ARISTÓTELES Flávia Neves Ferreira.....	69
---	----

COMUNICAÇÕES  
ESTÉTICA

A SUBJETIVIDADE DO ARTISTA NA ARTE AMERICANA  
DO PÓS GUERRA: A *POR ART* VERSUS O  
EXPRESSIONISMO ABSTRATO

Isabela Simões Bueno .....73

MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO EM GILLES  
LIPOVETSKY

Paloma Volski Mariano .....75

A MELODIA NA CONCEPÇÃO SCHOPENHAURIANA DE  
MÚSICA

Luciano Klusczkowski .....77

A REPRODUÇÃO DA OBRA DE ARTE EM WALTER  
BENJAMIM

Valéria Andressa Teixeira .....79

COMUNICAÇÕES  
FILOSOFIA DA CIÊNCIA

HELEN LONGINO: CIÊNCIA, VALORES E FEMINISMO

Renata Lima Zucheli .....83

A IRRACIONALIDADE NA CIÊNCIA E O  
CONHECIMENTO EM FEYERABEND

Patricia Neumann .....85

OBJETOS TÉCNICOS E CULTURA: SOBRE A FIGURA DO  
TECNÓLOGO NA FILOSOFIA DE GILBERT SIMONDON

Bruno Leandro Pereira Correa Bueno .....87

O MÉTODO CIENTÍFICO EM THOMAS KUHN José Felipe Cravelin .....	89
--	----

COMUNICAÇÕES  
HERMENÊUTICA E ONTOLOGIA

SCHLEIERMACHER E O PARADIGMA TRADICIONAL DE LEITURA DE PLATÃO Mayara Reimundo Galinski.....	93
---	----

DEVIR-MULHER NA FILOSOFIA DA DIFERENÇA DE DELEUZE E GUATTARI Alice D. de Lara.....	95
--	----

ARTE COMO SOLUÇÃO À MORTE DE DEUS EM NIETZSCHE André Luiz Lima Cardoso .....	97
--	----

OS INTELECTUAIS E GRAMSCI Allyson de Bastos .....	99
--	----

COMUNICAÇÕES  
TEORIA DO CONHECIMENTO E FILOSOFIA DA MENTE

A ESTRUTURA DA INTENCIONALIDADE SEGUNDO A PERSPECTIVA DE SEARLE E LECLERC Elisa Gabriela dos Santos .....	103
---	-----

O DUALISMO MENTE-CORPO E AS FACULDADES COGNITIVAS NAS MEDITAÇÕES DE RENÉ DESCARTES Renilson Bail .....	105
--	-----

OCKHAM E WITTGENSTEIN: A RESPEITO DA LÓGICA  
Msc. Leandro Sousa Costa .....107

A COMPREENSÃO DA IDEIA PLATÔNICA COMO  
ESPÉCIE EM SCHOPENHAUER  
Caio Miguel Viante .....109

### COMUNICAÇÕES

#### TEORIA DO CONHECIMENTO E FILOSOFIA DA MENTE

A CRÍTICA DE ARENDT À NOÇÃO DE PROGRESSO EM  
SOBRE A VIOLÊNCIA  
Mário Sérgio Vaz.....113

EUGENIA, EDUCAÇÃO MATRIMONIAL E DIREITO NA  
OBRA DE TEODOLINDO CASTIGLIONE (1940 - 1945)  
Hajane S. Kautnick.....115

A NOÇÃO POLÍTICA DE LIBERDADE NO PENSAMENTO  
DE HANNAH ARENDT  
Alisson Fernando Costa Pruchniak .....117

## APRESENTAÇÃO

Este caderno apresenta os resumos das conferências, palestras e comunicações apresentadas em dois eventos realizados durante a *XVI SEMANA DE FILOSOFIA* do Departamento de Filosofia da UNICENTRO. O primeiro deles, realizado nos dias 13 e 14 foi o *Colóquio Internacional: Intencionalidade ontem e hoje - Cem anos da morte de Franz Brentano* e o segundo foi a *VII SEMANA PET-FILOSOFIA* realizada nos dias 16 e 17 de novembro. Realizado de modo integrado, estes eventos são de fundamental importância para o curso de Filosofia da UNICENTRO, pois nesse ano, em que se homenageia centenário da morte do filósofo Alemão Franz Brentano, comemora-se o 16º aniversário do curso.

Em todos os anos anteriores, ininterruptamente, foi promovida a Semana de Filosofia, pois ela oferece aos professores e acadêmicos a oportunidade de aprofundar seus estudos, apresentar trabalhos científicos, compor mesas de discussão e trocar experiências com os renomados pesquisadores brasileiros e estrangeiros que participam do evento. Do mesmo modo, trata-se de um evento no qual os estudantes têm sido estimulados a apresentar suas pesquisas e a vivenciar um espírito acadêmico crítico e reflexivo.

Nos últimos 6 (seis) anos a Semana de Filosofia também incorporou a Semana PET-Filosofia, gerando um vínculo ainda maior entre discentes e docentes do departamento no que diz respeito à programação e à organização do evento. Ao longo desses quinze anos, a semana de filosofia foi sempre exitosa, promovendo debates e análises com uma riqueza teórica-conceitual com incontáveis ganhos.

Além da riqueza das discussões filosóficas, o evento sempre ajudou a divulgar o próprio curso de filosofia e a aproximar a comunidade filosófica. Destaca-se que foi em eventos dessa natureza que muitos acadêmicos estabeleceram

contatos com professores de pós-graduações e hoje cursam mestrado e doutorado em instituições de outros Estados.

Fortalecida nesta edição pela realização do *Colóquio Internacional: Intencionalidade ontem e hoje, além de homenagear o filósofo alemão Franz Brentano*, o evento se desenvolveu com três propósitos específicos: i) recepcionar os pesquisadores Guillaume Frechette (Uni. Salzburg) e Wojciech Starzynski (IFIS-PAN) que investigam diretamente os trabalhos de Brentano e de seus discípulos nos arquivos não publicados; ii) promover o encontro entre os pesquisadores André Leclerc e Mário Porta, pioneiros no Brasil na investigação do tema intencionalidade em Brentano e sua escola; iii) integrar a nova geração de pesquisadores de todo o Brasil, academicamente herdeira desses dois pesquisadores pioneiros, que lida direta ou indiretamente com a temática da intencionalidade e hoje é composta por jovens doutores, doutorandos, mestrandos e graduandos.

As linhas gerais dos debates que ocorreram nas conferências, palestras e mesas redondas podem ser apreciadas aqui, a partir dos resumos.

Evandro O. Brito  
Gilmar Evandro Szczepanik

# CONFERÊNCIAS



## INTENCIONALIDADE E EXPERIÊNCIA

Prof. Dr. André Leclerc  
UnB/CNPq  
andre.leclerc55@gmail.com

A filosofia analítica sempre preferiu as representações estáticas aos modelos dinâmicos. Os primeiros têm a vantagem da clareza, mas deixam de fora aspectos fundamentais da experiência, em particular sua continuidade. As discussões sobre o tempo têm em geral um caráter ontológico, se ele existe ou não, etc. Mas constatamos, cada vez mais, a necessidade de introduzir o tempo e modelos dinâmicos em vários campos da filosofia. A Filosofia da Ciência viu o fim da “instant rationality” quando se percebeu, com Kuhn e Lakatos, a importância da tradição para o amadurecimento das ideias científicas. Na compreensão linguística, a apreensão do sentido de uma frase isolada é problemática, sem o discurso inteiro e seu desenrolar. Nossas ações também têm o significado que têm porque são partes de planos. Antes disso tudo, na teoria da intencionalidade, Husserl e Merleau-Ponty perceberam a necessidade de uma intencionalidade anonimamente operante que assegura a continuidade da experiência consciente, além da intencionalidade de atos que considere um objeto (ou um pequeno grupo de objetos) de cada vez. A intencionalidade de ato seria impossível sem a continuidade da experiência. E sem esta, não poderíamos ser agente e compreender o discurso. Apresentarei o modelo do reticulum do tempo e tentarei mostrar como ele ajuda a pensar a percepção, os atos intencionais e a compreensão linguística.



## BRENTANO Y EL “MÉTODO PSICOLÓGICO”

Prof. Dr. Mario Porta  
PUC-SP  
mariopor@pucsp.br

Las exposiciones standard sobre los antecedentes filosóficos de la “Psicología del punto de vista empírico” brentaniana no van más allá de recordar las propias declaraciones de Brentano al respecto e indicar sus puntos de contacto con el empirismo inglés, incluyendo Mill, y el positivismo francés, primariamente Comte. En las líneas que siguen nos proponemos establecer las relaciones existentes entre el programa brentaniano y la tradición germánica del “método psicológico”, evidenciando importantes puntos de contacto entre ambos en la idea de una re-orientación empirista de la filosofía en una variante de empirismo diversa del inglés. Este empirismo, por otra parte, se desenvuelve en Brentano en la dirección de una psicología descriptiva que es nueva por referencia a la tradición del método psicológico, ciertamente introspectiva, pero no descriptiva.



## BRENTANO ON PERCEPTION

Prof. Dr. Guillaume Fréchette  
Universität Salzburg  
Guillaume.Frechette@sbg.ac.at

Brentano's philosophy of perception has often been understood as a special chapter of his theory of intentionality. If all and only mental phenomena are constitutively intentional, and if perceptual experience is trivially (or by definition) mental, then all perceptual experiences are intentional experiences. Following these lines, perceptual experience is a determinate of the determinable "intentional experiences". I will refer to this conception of perception as the "intentionality" reading of Brentano's conception of perception.

There is however another important item to add to this theory of perception, namely its foundationalist ground: since only mental phenomena really exists, and physical phenomena only enjoy an intentional existence (as the objects of mental phenomena), we must attribute to inner perception – the perception of one's own mental phenomena – an epistemological priority: only the innerly perceived mental phenomena are evident. The truth about physical phenomena can't attain that kind of evidence; it has at best a certain degree of probability. Following this view, only inner perception deserves the name "perception"; there is, properly speaking no outer perception in an analogical sense; there are probabilistic inferences that this physical phenomenon corresponds to something in the outside world, but our relation with the outside world is not perceptual, but strictly inferential.

Put together, these two central insights of Brentano's philosophy of mind lead to the idea that the object of the intentional relation is an intentional or immanent object. Whenever I present something, or judge about the existence of something, or love or hate something, there always is an object of my mental act. This intentional object doesn't need to exist – in fact, it simply can't exist since it is constituted at bottom by physical phenomena which are constitutively non-existent. Following this account, if Brentano has something to say on perception, then it will have much to do with inner perception and the fact that we only have access to intentional objects.

Different options are available to him following this account: a sense-data theory of perception; an adverbialist account of perception; representationalism. Most of the interpretations of Brentano's theory of perception, understood as a special case of his theory of intentionality, go along one of these lines. In all these three varieties, I will call such "intentionality" reading of perception, "strong views" on the nature of perception.

There is however another alternative, which has been rarely considered, and which consists in relaxing somewhat the strong foundationalist view of perception. The strong foundationalist view is usually based statements from the Psychology from an empirical Standpoint, affirming that "true perception is inner perception", or that "outer perception is false-taking (Falsch-nehmung). But there is prima facie no reason to take this as meaning that there is nothing like "outer perception", or even that outer perception is not in an important sense perception as such. You may not have a comparable evidence in outer perception as the one you have in inner perception, but this is not a reason to believe that perception is constitutively evident. In this talk, I will characterize more precisely this view called the "moderate view". I will argue that Brentano had good reasons to defend that view.

# LA QUESTION CARTÉSIENNE CHEZ BRENTANO ET TWARDOWSKI ET SES ENJEUX PHÉNOMÉNOLOGIQUES

Prof. Dr. Wojciech Starzynski  
Institute of Philosophy and  
Sociology Polish Academy of Sciences (IFIs-PAN)  
ursus.brunus@gmail.com

Le cartésianisme de la phénoménologie est habituellement associé à la position de Husserl élaborée dans les Méditations cartésiennes, pendant que il n'est pas suffisamment souligné qu'il se réfère à la philosophie de Descartes déjà bien avant, au moins dès les Recherches logiques où il entre dans un débat sur la question avec son maître Franz Brentano. Husserl n'était d'ailleurs pas le seul qui a pris la parole dans ce débat. Dans notre intervention, nous voulons reconstruire une partie de cette première discussion fondatrice autour de Descartes en mettant en rapport la position brentanienne et celle de l'un de ses disciples, Casimir Twardowski. Brentano s'inspire de la pensée de Descartes au moins sur les trois points : (a) la tripartition des phénomènes psychiques en les représentations, les jugements et les phénomènes affectifs, (b) le caractère intentionnel des phénomènes psychiques, (c) le phénomène de l'autoconscience préreflexive. Après une courte exposition de ces trois points en envisageant à la fois la justification de la référence cartésienne et ses enjeux phénoménologiques, on examinera ensuite à quel point Twardowski suit le chemin de Brentano dans sa thèse de 1892 intitulée *Idee und Perception. Eine erkenntnistheoretische Untersuchung aus Descartes*. Son exposé du cartésianisme procède en deux temps. Premièrement, il se lance dans une analyse épistémologique de ce qu'est la perception en fonction de sa

clarté et de sa distinction où perceptio se trouve rapproché de la notion brentanienne de *innere Wahrnehmung*. Deuxièmement, Twardowski mène une analyse de ce qu'est l'idée en tant que distincte et claire, ce que cette fois le philosophe polonais associe à la notion de *Begriff* anticipant ainsi la problématique de la représentation logique ou celle de la méthodologie des sciences. Ce faisant, le jeune Twardowski semble esquisser deux démarches possible issues du cartésianisme : une démarche phénoménologique qui met en œuvre les descriptions de la subjectivité entendue comme ensemble des actes, et une démarche logique centrée sur la problématique du concept.

## TECNOLOGIA E INTENCIONALIDADE

Prof. Dr. Gilmar Evandro Szczepanik  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro  
gilmarevandro@unicentro.br

O objetivo básico desse texto consiste em apresentar a discussão sobre intencionalidade na filosofia da tecnologia, mais especificamente, explorando os vínculos entre a criação e o uso dos artefatos e dos dispositivos tecnológicos. O texto encontra-se dividido em três partes.

Na primeira delas, apresentamos algumas características elementares que ajudam a caracterizar a tecnologia como uma atividade epistêmico/instrumental voltada a atender as demandas da natureza humana. Trata-se de uma atividade epistêmica, pois a tecnologia além de ser consumidora de conhecimento científico ela também é capaz de produzir e de desenvolver critérios próprios para avaliar, legitimar e justificar uma regra, uma lei ou uma teoria. Todavia, a tecnologia também é uma atividade instrumental, pois está diretamente relacionada à solução de problemas reais que afetam o homem.

Na segunda parte do trabalho, trabalharemos com a noção de intencionalidade associada ao processo de design tecnológico que perpassa a concepção, a criação e o desenvolvimento dos dispositivos tecnológicos. É justamente nessa fase que os designers precisam determinar qual tipo de artefato será desenvolvido e, conseqüentemente, qual será sua função. Nota-se aqui que a função dos artefatos e dos dispositivos é atribuída pelos seus criadores e construtores. Em outras palavras, os objetos tecnológicos são desenvolvidos a partir das intenções de seus idealizadores. Contudo, sabe-se que a intenção de criar um dispositivo tecnológico pode esbarrar em limitações técnicas ou soluções ainda indisponíveis em nosso tempo.

Entretanto, dada a disponibilidade de matéria-prima, de recursos técnicos e de material humano o designer pode criar livremente uma pluralidade de dispositivos com uma infinidade de funções. Apesar disso, o aspecto intencional que permeia os artefatos tecnológicos não é inteiramente capturado pelo viés do designer, pois também se faz necessário levar em consideração o papel que o usuário exerce nesse processo.

A terceira parte do texto se propõe a investigar justamente a relação que o usuário estabelece com os artefatos e os dispositivos tecnológicos, pois a função não pode ser completamente determinada pelo designer. Por exemplo, alguém pode projetar uma máquina de lavar roupas e desenvolver um conjunto de funções (lavar, deixar de molho, enxaguar e centrifugar) cujo propósito vise deixar nossas roupas limpas. No entanto, algum usuário poderá fazer um uso acidental da máquina de lavar roupas, utilizando-a como um balcão para acumular alguns objetos. Em outras palavras, os usuários podem utilizar determinados artefatos tecnológicos de um modo completamente diferente daquele previsto e/ou esperado pelos seus criadores. Nota-se que os usuários podem utilizar os objetos tecnológicos com diferentes intenções e/ou propósitos. A própria função dos artefatos tecnológicos não impede o seu uso esporádico ou acidental. Uma forma encontrada para promover o ajuste entre as intenções dos designers e dos usuários é dada através dos planos de usos que nada mais são do que um conjunto de instruções básicas que pretende estabelecer um uso padrão e/ou normal para determinados artefatos. A discussão aqui apresentada se faz presente em autores como Franssen (2008), Pitt (2009), Kroes (2010) entre outros mais.

## APONTAMENTOS DA FILOSOFIA CULTURAL DE RICHARD RORTY

Prof. Dr. Claudio César de Andrade  
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO  
mestreclaudio@uol.com.br

No livro 'A Filosofia e o espelho da natureza', Richard Rorty justifica o direcionamento de suas posições filosóficas, relatando com muita propriedade sua trajetória acadêmica, suas leituras e a desilusão com o projeto da tradição filosófica acerca da teoria do conhecimento, verdade e objetividade. Assim, trabalha com a perspectiva do multilateralismo filosófico, resultado de um balanço acerca dos últimos cem anos de filosofia ocidental. Já em 'Contingência, Ironia e Solidariedade', Rorty expõe com maior liberdade sua preferência pela conversação, argumentação e uma linguagem emancipatória que reflete acerca da democracia mundial. Uma das conseqüências destas afirmativas é a defesa da tese de que nossa cultura tem privilegiado a epistemologia em detrimento de propostas renovadoras, de novos modos de lidar conosco, que possibilitariam a reconstrução da filosofia em uma cultura liberal. Isto posto, fica evidente em Rorty a máxima de que epistemologia tornou-se questão central para a filosofia, relegando a sabedoria, a vida, a lida cotidiana a um plano secundário. Por esta razão fundamenta crítica pontual à concepção que dá à epistemologia a nobre e exclusiva tarefa de chegar à verdade, e o critério para tal, a verificação. A epistemologia não deveria ter uma função mecânica como normalmente e naturalmente se prestou. Como crítico de uma visão única de filosofia e de sua tradição filosófica, destaca que não faz sentido pensar que apenas a nossa cultura chegaria ao fim do inquérito uma vez que não podemos sair dela para avaliar se realmente chegamos ao ponto final da pesquisa. Ora a digni-

dade da pessoa humana é um problema prático e não epistemológico. Em seu entendimento o que os filósofos poderiam fazer pela política democrática, além de tentar fundamentar esta política de princípios é aproximar a filosofia da cultura. Rorty diz que devemos começar a trabalhar substituindo conhecimento por esperança, propondo a idéia de que a capacidade de sermos cidadãos de uma democracia plena, que ainda se deve alcançar, em vez da capacidade de apreender a verdade, é o que importa ao ser humano.

# **PALESTRAS**



## **GEOMETRIA E CONCEITO DE ESPAÇO NO BRENTANO TARDIO**

Prof. Msc. Ernesto M. Giusti  
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO  
egiusti@gmail.com

Nesta apresentação, mostraremos como Brentano compreende a geometria e seus fundamentos, em particular como ele concebe os axiomas geométricos, e sua utilização do conceito de "fronteira" ou "limite". Será mostrado como ele se aproxima de certas concepções neokantianas dos axiomas geométricos, e como o uso da noção de limite o afasta dessas.



## BRENTANO E FREUD: FENÔMENO PSÍQUICO E REALIDADE PSÍQUICA

Prof. Dr. Gleisson R. Schmidt  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTPP  
gleisson.schmidt@gmail.com

Entre os autores que de maneira mais seminal influenciaram o pensamento de Freud encontra-se aquele que por dois anos foi seu professor de filosofia na Universidade de Viena: Franz Brentano. A interlocução entre a filosofia de Brentano e a psicanálise freudiana apresenta-se, atualmente, como um campo de pesquisa realmente amplo. Ela tornou-se viável após a publicação das cartas de juventude trocadas entre Freud e seu amigo Eduard Silberstein (Sigmund Freud *Jugendbriefe an Eduard Silberstein*. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1989), graças às quais foi possível afirmar com significativo grau de certeza toda a dimensão da influência de Brentano na obra freudiana. Até então, tinha-se pouco mais que o paradoxal relato de Maria Dorer em seu *Historischen Grundlagen der Psychoanalyse* (1932), a qual, mesmo sem ter consultado o próprio Freud, concluiu ser impossível comprovar quaisquer relações diretas entre Freud e Brentano que não fossem “purely personal in character” (Dorer, apud Merlan, P. “Brentano and Freud”. *Journal of the History of Ideas*, vol. 6, n.º. 3, jun. 1945, p. 375); ou, ainda, o equívoco de Ernest Jones, para quem Freud não teria dado senão uma “passing glance” (Jones, E. *Sigmund Freud: Life and Work*, vol 1, London: The Hogarth Press, p. 41) nos seminários de Brentano durante seu período na Universidade de Viena (“passing glance” que consistiu em frequentar, durante quatro semestres acadêmicos, todos os cursos oferecidos por Brentano entre o inverno de 1874 e o verão de 1876 – únicos cursos filosóficos e não-obrigatórios

frequentados por Freud). Treze anos após a publicação do livro de Dorer, Philip Merlan alegou não ser nada fácil compreender precisamente o que Dorer tinha em mente ao optar pelas palavras “purely personal in character” para descrever a relação entre os dois, e propondo-se a esclarecer que tipo de relações houve entre Freud e Brentano iniciou um debate profícuo que se estende até a atualidade. O presente trabalho pretende inserir-se neste campo de investigações. Procuraremos mostrar que Freud encontrou em Brentano elementos necessários à articulação entre o psicológico e o fisiológico que, expressos de maneira mais contundente em seus escritos “pré-psicanalíticos”, perpassam toda a sua obra nos desdobramentos metapsicológicos do conceito de pulsão. Sustentamos que é a partir da concepção brentaniana do fenômeno psíquico (*psychische Phänomen*) que Freud desenhará o amplo quadro da realidade psíquica (*psychische Realität*) enquanto “forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material” (Freud, S. *Die Traumdeutung*. Leipzig/Viena: Franz Deuticke, 1914, p. 480). Para tanto, propomo-nos descrever a similaridade entre as concepções de Freud e Brentano acerca da representação (*Vorstellung*) e do juízo (*Urteil*). A primeira, que reflete a tese mais fundamental de Brentano - a impossibilidade de um ato de representação ocorrer na ausência de objeto representado -, aparece no texto freudiano de 1891 *Zur Auffassung der Aphaisen*; a segunda, no Projeto de uma psicologia de 1895, proporciona ao psicanalista os elementos necessários para a elaboração do “teste de realidade” (Seções 16 a 18).

## BRENTANO E A RENOVAÇÃO COMO RETOMADA DO CARÁTER CIENTÍFICO DA FILOSOFIA

Prof. Msc. Alceu Cavalheiri  
FAPAS - Faculdade Palotina  
alceucavalheiri@gmail.com

O tema da pesquisa é a renovação (*Erneuerung*), entendido como um processo ativo, voluntário e racional, de ordem individual e coletiva, que parte do desejo de retomar os princípios elementares da atividade humana para criar novos hábitos de modo consciente e racional. As análises histórico-filosóficas de Franz Brentano (1838-1917) fazem notar que o tempo compreendido entre os fins do século XIX e início do XX é marcado pela falta de otimismo filosófico. No entanto, veremos que ele confia no início de um novo período de florescimento do pensar filosófico, próprio de uma reforma radical da filosofia. As principais razões que geraram a desconfiança geral e falta de otimismo na filosofia como ciência se limitam na necessidade de unidade entre as teorias e na inacessibilidade de seus fins. Apesar disso, a imperfeição da filosofia não justifica a afirmação de que suas investigações não merecem o nome de esforço científico. Para Brentano, a filosofia ainda não é uma ciência madura, capaz de trazer resultados práticos para a vida, pois ficaram ao seu encargo as investigações sobre a essência interna dos acontecimentos que a ciência natural deixou de fora de seus domínios. A filosofia não encontrou ainda seu método adequado e nem sua praticidade para a vida. As análises de Brentano indicarão a necessidade de uma renovação na autenticidade científica, visando uma retomada do ideal elementar da ciência de modo consciente e racional. Para tal fim, a abordagem dos fatos exige de Brentano o uso do método histórico-filosófico para realizar alguns recortes e análises da realidade que, na pesquisa, estarão limi-

tados aos eventos ocorridos com a humanidade nos fins do século XIX e início do XX. Os recortes e análises permitirão expor o problema e a necessidade de uma possível renovação das atitudes humanas no campo científico-filosófico.

## A ÉTICA DE FRANZ BRENTANO E A INTERPRETAÇÃO DE RODERICK CHISHOLM

Prof. Dr. Evandro O. Brito  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
UNICENTRO/Fundação Araucária  
evandro@unicentro.br

A filosofia moral brentaniana tem sido apresentada, em suas linhas gerais, a partir da teoria do conhecimento moral publicada na obra *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis* (1889). Não há divergência acerca disso, pois esta foi uma reivindicação do próprio Brentano ao afirmar que, com a publicação dessa obra, ele estava divulgando o resultado de uma reflexão amadurecida acerca das concepções morais sustentadas, anteriormente, na *Psychologie vom empirisch Standpunkt* (1874). Ainda que exista consenso acerca deste ponto, pouca atenção é dedicada aos fundamentos que sustentavam a exigência de originalidade para esta nova teoria moral, mesmo que o próprio George Moore, “pai” da Metaética, tenha apontado o caráter original da proposta no prefácio de seu *Principia Ethica*. O objetivo deste trabalho é sustentar que a introdução do conceito de preferência marca a originalidade da nova teoria moral brentaniana, pois tal conceito, o qual descreve o tipo de fenômeno mental objeto da ética, não havia sido descrito na Psicologia do ponto de vista empírico. Para sustentar esta interpretação serão apresentados os dois pontos seguintes: (i) o modo como Brentano introduziu a descrição do ato mental de preferir, ao ampliar a descrição do ato mental de amor e ódio (terceira classe de fenômeno mental) que, em 1874, servia para definir a ética apenas como uma teoria do sentimento moral; (2) o modo como a descrição do fenômeno mental de preferir explicitava a evidência necessária para sustentar uma teoria da cognição moral, bem

como determinar a origem do conhecimento moral (título da própria obra). Este dois pontos tomados em conjunto, a partir de uma interpretação inspirada na leitura de Chisholm, serão sustentados, ainda, a partir de alguns conceitos dos textos brentanianos de 1889 - 1991, os quais compõem a primeira parte da obra *Psicologia descritiva*.

## INTENCIONALIDADE EM ARISTÓTELES?

### De anima 424a18 e a tese da ‘modalidade de inexistência intencional’ de Brentano

Prof. Dr. Manuel Moreira da Silva  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
immanuelmoreyra@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo discutir a afirmação de Aristóteles segundo a qual “o sentido é o receptivo das formas sensíveis sem a matéria” (αἰσθησίς ἐστι τὸ δεκτικὸν τῶν αἰσθητῶν εἰδῶν ἄνευ τῆς ὕλης). Proferida em De anima 424a18, no contexto de uma determinação do conjunto de toda sensação (Καθόλου δὲ περὶ πάσης αἰσθήσεως), aquela assertiva constituiu-se na pedra fundamental de importantes teorias medievais em torno da inteligência, do objeto e da representação ou, mais propriamente, da assim chamada intencionalidade, em rigor, da objetividade, isto é, do ser objetivo (esse objectivum) ou o ser representado (esse repraesentatum) do objeto na representação. Essa, igualmente, a opinião de muitos intérpretes de Franz Brentano, para os quais o filósofo alemão teria se inspirado em De anima 424a18 para a elaboração de sua teoria da intencionalidade, bem como a opinião de outros, como M. L. C. Soares, em A Dimensão Intencional, para os quais Brentano teria encontrado “a ideia de um ‘objeto intencional’ [...] remotamente em Aristóteles, precisamente na sua teoria da percepção sensível”. Embora nem todas as afirmações de seus intérpretes a esse respeito possam ser verificadas na obra de Brentano, o filósofo também afirma, explicitamente, que Aristóteles encontrou “aqui e ali a mesma modalidade de inexistência intencional”, a qual o alemão buscava determinar. Nessa medida, mais que explicitar ou ainda reconstruir a concepção de Brentano em torno da intencionalidade, o trabalho se

limita a verificar a tese do filósofo alemão, desenvolvida sobretudo em Psicologia sob um ponto de vista empírico e hoje amplamente generalizada, de que Aristóteles teria encontrado “aqui e ali a mesma modalidade de inexistência intencional” que ele, Brentano, buscaria determinar, precisamente, a partir dos autores medievais, em especial Tomás de Aquino. Em que pesem os mais diversos problemas de interpretação, de concepção e, acima de tudo, de terminologia envolvidos na presente questão (sejam eles históricos, sistemáticos ou, enfim, epocais), o trabalho faz abstração dos mesmos porquanto, conforme estudos mais recentes, a emergência de algo como a intencionalidade – em sentido próprio, isto é, cognitivo – só se tornaria o caso a partir dos estoicos e particularmente de Avicena, não sendo, portanto, uma questão enfrentada de modo explícito pelo estagirita ou, em rigor, algo do qual o macedônio teria tido alguma consciência epistêmica precisa. Em vista disso, o trabalho se dá a tarefa de uma distinção entre a concepção moderna e contemporânea do conhecimento intelectual, especificamente da intencionalidade como seu fundamento estruturante, e a concepção antiga e medieval; essa, pelo menos a partir de Muralt e de Lima Vaz, à diferença daquela, passível de ser considerada não-intencional. Assim, o cerne deste trabalho e, por isso, da distinção em questão se mostra como uma investigação da natureza da intencionalidade e da natureza da não-intencionalidade. Partindo, pois, de certas observações de Muralt e de Lima Vaz, em contraste com a tese da intencionalidade, o trabalho discute em que medida a chamada “teoria da informação imediata do ato intelectual pela forma inteligível em ato do objeto” – esposada por ambos e presente entre outros no estagirita – não é de natureza intencional, mas sim de natureza não-intencional. A título de conclusão, o trabalho exemplifica esta última com alguns exemplos utilizados pelo próprio Aristóteles.

## BRENTANO E NISHIDA: FENÔMENOS DA CONSCIÊNCIA E A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO NA PRIMEIRA FASE DA ESCOLA DE KYOTO

Prof. Dr. Ricardo Evandro S. Martins  
Universidade Federal do Pará - UFPA  
ricardo-evandro@hotmail.com

Kitaro Nishida (1870-1945) é o grande nome da Escola de Kyoto. Nascida no Japão, no início do século XX, a filosofia da Escola de Kyoto é comumente conhecida pela sua relação com o pensamento ocidental, especialmente com a proximidade em torno dos temas fenomenológicos e também heideggerianos, como “mundo”, “diferença ontológica”, técnica, etc. Já outros nomes desta mesma Escola, como o de Keiji Nishitani (1900-1990), estavam mais próximos do pensamento de Schopenhauer, Nietzsche e da questão da religiosidade oriental e o niilismo. Entretanto, neste resumo tentaremos traçar um paralelo entre Nishida e uma outra filosofia europeia: àquela desenvolvida por Franz Brentano (1838-1917), a partir do seu *Psicologia do ponto de vista empírico* (1874). Especificamente, nossa problemática é procurar saber se há alguma relação entre a primeira fase do percurso intelectual de Nishida e o pensamento de Brentano. E o caminho para se desenvolver esta tentativa de se traçar um paralelo entre os 2 filósofos será feito aqui pelo estudo da primeira grande obra de Nishida, o *Ensaio sobre o bem* (1911). Esta fase é caracterizada pelo próprio filósofo japonês como sendo aquela em que ele dialogara com a filosofia da vida do século XIX, com o pragmatismo norte-americano, com o psicologismo e com o neokantismo remanescente no início do século XX. Fortemente influenciado por William James, no *Ensaio*, Nishida elaborou uma obra focada naquilo que chamou de “experiência pura”. Nesta obra, dentre

outros temas, é possível afirmar que Nishida tinha como objetivos mais centrais: i) defender a tese de que somente existem fenômenos da consciência; ii) superar a relação sujeito-objeto; ii.i), na tentativa de mostrar, com isto, como a “experiência pura” com um fenômeno é anterior à consciência da moderna diferença epistemológica fundamental entre “coisa pensante” e “coisa pensada”. Assim, nossa hipótese neste resumo é a de que talvez haja, sim, um paralelo via semelhanças entre a primeira fase do pensamento de Nishida - considerado, por ele mesmo, mais tarde, como de traços “psicologistas” - e o pensamento tardio de Brentano sobre: a) descrição de “fenômenos psíquicos”; e b) a “relação intencional”, reformulada pelo filósofo renano em 1890, com o seu Psicologia descritiva.

## O QUE VEM PRIMEIRO, A INTENCIONALIDADE OU A TRIANGULAÇÃO?

Prof. Msc. Juliana de Orione Fagundes  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
julianadeorione@hotmail.com

Um pré-requisito para o surgimento da linguagem é a triangulação, entendida, conforme Donald Davidson, como dois seres em relação entre si e com o mundo compartilhado. Já a linguagem, nessa concepção, seria requisito para o pensamento. Contudo, se essa posição é aceita, fica uma lacuna: como compreender a passagem do não-pensamento para o pensamento? Talvez haja no trabalho do psicólogo Michael Tomasello uma pista. Tomasello defende que há pensamento sempre que estiverem presentes três capacidades cognitivas: representação, inferência e auto monitoramento comportamental; tais elementos não pressupõem linguagem, embora pressuponham intencionalidade. Na teoria desenvolvida por ele, três tipos de intencionalidade sobrevêm uma à outra na história evolutiva: primeiro, a intencionalidade individual, a qual permite ao animal adequar seu comportamento individualmente conforme as exigências ambientais, desenvolve-se no contexto da competição. Em seguida, quando a cooperação se tornou relevante para a sobrevivência de nossos ancestrais evolutivos, surge a intencionalidade compartilhada. A última etapa, onde ocorre o advento da linguagem e da cultura cumulativa, é a da intencionalidade coletiva. Note-se que a etapa da intencionalidade individual já se desenvolve no contexto da relação triangular, ainda que competitiva, com outros animais coespecíficos e a realidade concreta. Quanto aos dois últimos tipos de intencionalidade, eles pressupõem claramente a triangulação. Pretende-se investigar se a triangulação está presente

já no primeiro estágio do desenvolvimento da intencionalidade conforme a história construída por Tomasello.

## INTENCIONALIDADE E EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO NO PENSAMENTO DE DENNETT E FLORIDI

Prof. Dr. José Claudio Matos  
FAED-UDESC  
doutortodd@gmail.com

Este estudo é uma reflexão filosófica acerca do fenômeno da informação, que procura estabelecer uma aproximação entre o pensamento de Luciano Floridi e Daniel Dennett. O campo conhecido como Filosofia da Informação tem na obra de Floridi um dos seus principais representantes, e seu horizonte de questões envolve a investigação filosófica em torno do conceito e das abordagens teóricas da informação. Este pondo de partida pretende aglutinar estudos interdisciplinares sob a clave da filosofia. Esta área de estudos, portanto, toma a informação como o centro de sua agenda de discussões, procurando com isso estabelecer fundamentos conceituais relevantes para as ciências e as profissões da informação.

Dennett, por sua vez, dedica sua atenção ao campo da filosofia da mente, da teoria evolutiva e ao campo interdisciplinar das ciências cognitivas. No conjunto de seu pensamento, a noção de informação é abordada em diversos momentos, sobretudo como um elemento importante dos processos de evolução cultural que deram origem ao meio ambiente que é atualmente denominado por diversos autores como infosfera. O que torna interessante olhar mais de perto para as ideias de Dennett é a relação inextricável que seu argumento estabelece entre evolução e informação. Dennett defende que um processo evolutivo está em andamento no mundo natural, mas se aplica também ao mundo da cultura. Mais importante: o que estabelece a ligação entre natureza e cultura, como dimensões do mesmo processo evolucionário é justamente a informação. Evolução, entendida desta maneira, é um processo de refina-

mento na produção, disseminação e recepção da informação que circula em diversos meios, em um ambiente – seja o ambiente natural, seja o ambiente cultural. Com a expressão ‘semantização do ser’ (semanticization of Being) Floridi descreve um processo de mudança cultural, aplicado especialmente ao progresso do conhecimento, mas em linhas gerais a todas as manifestações de atribuição de significado a eventos e objetos, pela mediação de signos. Ele se refere a um processo de atribuição de significado e, portanto, de geração de informação, a partir da consideração de elementos do mundo como ‘dados’. Floridi se refere, ao mesmo tempo, ao desenvolvimento de formas de expressão para o conhecimento organizado cientificamente, à complexificação de atividades organizadas, como a própria vida social. E, possivelmente, se refere ao desenvolvimento da manipulação de matérias segundo técnicas e intencionalidades, próprios das belas artes e da literatura. Seria interessante para as investigações sobre informação, seus ciclos, recuperação, organização e uso em sociedade, refletir acerca destes processos sob o pano de fundo da ideia de ‘semantização do Ser’. Este conceito oferece um horizonte a partir do qual se pode levantar questões e desenvolver importantes reflexões sobre a relação entre a informação (como um fenômeno que toma parte na semantização do Ser) e os diversos aspectos da vida intelectual e social dos seres humanos.

## INTENCIONALIDADE E SINGULARIDADE EM SARTRE

Prof. Dr. Marcelo Prates  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
marceloprates1@gmail.com

O objetivo de nosso trabalho é apresentar uma resposta às objeções que Barbaras faz em dois de seus artigos sobre o problema da intencionalidade e da totalidade em Sartre. A fenomenologia de Sartre a partir de O ser e o nada se desenvolve nos quadros de uma ontologia. Sabe-se que essa não é a démarche husserliana. Ela visa, assim, suplantar uma “fenomenologia do conhecimento” para apreender o ser desse conhecimento pelo ser próprio do fenômeno. Nesse caso, a descrição do a priori da correlação entre consciência e mundo passa a ser expresso em sua determinação existencial antes que epistêmica, pois reclamará como instância da intencionalidade uma região pré-reflexiva. Ora, é a partir da noção de intencionalidade e de uma crítica ao noema husserliano que Sartre alavanca tal edifício, cujo resultado será a determinação ontológica que dela se segue, a saber, a consciência como negatividade. Como consequência dessa determinação toda intencionalidade será compreendida como negatividade e a visada intencional como um ato nadificador. Tal é o primeiro sentido da liberdade em Sartre. Todavia, em suas análises, Barbaras compreende que tal descrição da intencionalidade não é feita a partir dela mesma, mas reconstituída a partir da hipótese de uma totalidade desintegrada. Ao compreender a intencionalidade segundo a hipótese da causa sui Sartre passa a denotar a negatividade como desejo e a associar o ato intencional na dinâmica do desejo, a qual impediria a própria realidade desta totalidade. A consequência de tal tese, segundo Barbaras, é uma dissimetria ontológica da fenomenologia que

cinde ser e fenômeno emperrando, assim, a própria fenomenologia. Nossa hipótese é que tal totalidade em Sartre afere não ao ser hipostasiado da causa sui mas à finitude que reclama a intencionalidade. O problema de Barbaras seria em compreender o fenômeno apenas na dimensão do cogito instantâneo, denotando à totalidade um horizonte de possibilidade de constituição imediata e não a tomada da mesma como dimensão do movimento da intencionalidade em sua continuidade temporal, problema ao qual a teoria do desejo visava responder. Tomada a intencionalidade segundo sua condição de finitude, a irrupção do para-si em sua distensão temporal afere que tal totalidade não é constitutiva na dimensão do fundamento, mas na singularidade e finitude com que o fenômeno se constitui por sua negatividade inerente. É nele que compreenderemos a passagem do desejo de ser à ideia de uma escolha original, a qual constitui a liberdade em Sartre. Assim, o fenômeno implica o ser enquanto finitude onde, portanto, na condição de causa sui não se distinguirá o ser da sua maneira de ser, isto é, como fenômeno. Se Barbaras acusava a fenomenologia de Sartre de ser uma fenomenologia sem fenômenos podemos, então, aferir que o fenômeno não é senão uma vida singular. A tarefa da fenomenologia se determinaria, assim, a uma fenomenologia existencial, isto é, à descrição da vida fáctica.

## A ESTRUTURA DA CONSCIÊNCIA SEGUNDO BRENTANO E SARTRE

Prof. Dr. Jean Rodrigues Siqueira  
UNIFAI - Centro Universitário Assunção  
jeansiq@hotmail.com

Em uma passagem textual frequentemente citada de sua *Psicologia do ponto de vista empírico* (1874), Brentano afirma que todo fenômeno mental necessariamente inclui em si mesmo algo como objeto, sendo tal característica algo exclusivo desse tipo de fenômeno – uma marca distintiva do mental em relação à dimensão dos fenômenos físicos. Todo fenômeno mental possuiria, então, uma estrutural relacional constituída por um ato mental e um objeto intrinsecamente ligado a ele. A esse âmbito dos fenômenos mentais, assim circunscrito pela chamada “tese da intencionalidade”, Brentano reserva o nome de “consciência”. Mas essa consciência (intencional), quando considerada reflexivamente, poderia ser descrita meramente como um objeto de outro ato mental (de um ato de segunda ordem)? Ou a descrição dessa consciência de si teria que admitir a existência de estados de consciência não conscientes – e, portanto, não intencionais – como constitutiva da vida mental? A primeira possibilidade dessa disjunção mostra-se problemática pelo fato de conduzir a uma inaceitável complicação de estados mentais, onde cada consciência de um novo ato mental passaria a ser objeto de outra consciência que também demandaria outra consciência que a tomasse como objeto – e assim *ad infinitum*. A segunda, embora útil teoricamente para impedir esse tipo de regresso, também é, em virtude de outras diversas razões, taxativamente rechaçada por Brentano. Desse modo, a fim de ultrapassar esse dilema e explicar satisfatoriamente o fenômeno da autoconsciência, o filósofo propõe a tese de que todos fenômenos mentais possuem uma estrutura dual,

isto é, todo ato mental dirige-se a um objeto primário distinto de si próprio e, simultaneamente, no mesmo ato mental, apreende a si próprio como um objeto secundário. Em Sartre, por sua vez, podemos encontrar o mesmo problema, igualmente colocado no marco de uma tese da intencionalidade, da tematização da consciência por si própria. Tal como Brentano, o autor francês rejeita a existência de formas de consciência não conscientes, bem como também considera o regresso infinito dos estados de consciência uma ideia absolutamente reprehensive. Daí o propósito central deste trabalho, o qual consiste juntamente em explorar de maneira mais precisa esses pontos de contato que parecem marcar a concepção que ambos têm a respeito da natureza da consciência e, complementarmente, de colocar em destaque as diferenças presentes em suas explicações acerca de sua estrutura. A sugestão decorrente desse exame preliminar é que a maneira como Sartre pensa a estrutura da consciência evita percalços que a teoria de Brentano, pelo menos aquela que nos é apresentada na obra de 1874, não parece capaz de superar.

# **MESA REDONDA**

**FILOSOFIA FRANCESA**



## A PERSPECTIVA BIOPOLÍTICA DE MICHEL FOUCAULT

Lucilene Gutelvil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR

lucilenegutelvil@yahoo.com.br

O presente trabalho objetiva apresentar a perspectiva biopolítica de Michel Foucault, desenvolvida na segunda metade do decênio de 1970. Para tanto, utilizaremos três textos específicos: *Em Defesa da Sociedade* (1976); *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber* (1976); e *Segurança, Território, População* (1978). Não pertence a Foucault a alcunha do termo “biopolítica”, que já é usada anteriormente as suas análises, a saber, elaborada pelo sueco Rudolph Kjellen. A importância de Foucault em relação a biopolítica, refere-se ao fato de que a partir de suas análises a palavra ganha publicidade, fato comprovado pelas inúmeras recepções que seu pensamento recebe a partir daí, a saber, Giorgio Agamben, Roberto Esposito, Antônio Negri e Michael Hardt, bem como Thomas Lemke, para citar algumas. Foucault elabora uma genealogia da biopolítica. Isso significa basicamente três coisas: (1) que a sua abordagem é histórica (a partir do século XVIII emerge algo como uma biopolítica); (2) que a biopolítica está relacionada ou, mais propriamente, está situada no interior de suas reflexões acerca das relações de poder; (3); que cada obra ou objeto da biopolítica pode ser analisado separadamente. Cada trabalho de Foucault supracitado aborda um objeto da biopolítica, sequencialmente, o racismo estático, o dispositivo de sexualidade e os mecanismos de segurança. O fio condutor de nosso trabalho tem o intento de mostrar que a partir de cada um destes objetos da biopolítica abordados por Foucault, a partir de sua emergência ou proveniência histórica específica, é possível captar uma compreensão positiva da biopolítica, i.e, direciona-

da para a otimização e desenvolvimento dos processos vitais da espécie. Para chegarmos a hipótese da positividade da biopolítica em Foucault há de se considerar a sua analítica do poder em contraponto com teoria jurídico-filosófica da soberania, tal como aparece em Hobbes. Foucault centraliza sua abordagem nos mecanismos concretos de poder, seu funcionamento. A partir do diagnóstico do poder como produtor de realidade, gestos, rituais de verdade, a obviedade de um poder compreendido como repressivo cai por terra (soberania). Se o poder é produtivo nas tematizações de Foucault e a biopolítica é trabalhada a partir desses mecanismos efetivos que perpassam e constituem a sociedade, apresentaremos de que modo a biopolítica pode ser compreendida em uma acepção também positiva. Os leitores mais familiarizados com o pensamento de Foucault compreendem a dificuldade de estabelecer essa conclusão, dado que seu pensamento não estabelece uma unidade irremovível de conceitos, mas os modifica dependendo do objeto de pesquisa ou direção da análise. Longe disso significar um ponto negativo na filosofia do autor, sinaliza a abertura para se pensar novos horizontes de sentido ao que ele teria apresentado enquanto biopolítica a partir de 1975.

## A ESTÉTICA DE SARTRE

Prof. Dr. Marcelo Prates  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
marceloprates1@gmail.com

O objetivo de nosso trabalho é explicitar a estética de Sartre. Embora desde O imaginário ele reconheça a necessidade de uma obra específica ela jamais chegou a ser elaborada. Isso implica não a inexistência do tema no pensamento do existencialista, mas a ausência de sua unidade direta, levando-nos a necessidade de estabelecer sua possível unidade segundo a delegação mesma de Sartre ao filósofo como sua tarefa essencial, a saber, a totalização e situação dos saberes. As dificuldades iniciais perpassam os problemas gerais de sua obra. Todavia, nosso objetivo não é traçar uma linha progressiva e histórica da obra de Sartre, mas temática pautando-nos, para isso, sobre aquilo que ele elegeu como os três tipos de conhecimento sobre o belo, quais sejam, a variação histórica, a totalidade e a exigência. Estes elementos, presentes em geral em suas análises dispersas, são reunidos numa conferência que Sartre proferiu no Brasil em 1960 na Universidade Mackenzie. O tema geral, sobre a beleza, reúne, alude ou pressupõe os problemas gerais de sua obra. Por isso ele pode ser uma chave de leitura privilegiada sobre o problema embora, justamente pela natureza da conferência, não nos dê tal unidade almejada como totalização tal como sua filosofia mesma exige, o que justifica nosso trabalho. É por isso que ela apresenta um ponto de partida, mas que exige um aprofundamento dialogando não apenas com as demais obras de Sartre, mas mesmo com os problemas que elas denotam. Nesta conferência Sartre tenta inverter sua tese comum, a do engajamento da arte, e ao ser acusado de menosprezar a arte e a beleza em favor do engajamento decide tratar da beleza. No entanto, sua tese se mantém: a exigência da beleza conclui pela exigência do engaja-

mento. Sobre o primeiro ponto, a variação histórica, ela é um elemento que surge na passagem da ontologia a história. Desde a diferenciação entre consciência imaginante e consciência realizante a conseqüente dissidência entre real e imaginário levava Sartre a colocar a arte fora do mundo. Nesse sentido que vemos a ressonância quando pensa em 1948 na obra *Que é a literatura?* o engajamento da literatura pela forma da prosa e ao menos sua dissidência com as demais artes, uma vez que, justamente, elas não se reportam ao mundo histórico e situado, mas tratam seu objeto como um objeto puro. No entanto, se a beleza irá pressupor uma totalidade, diferente da totalidade do valor ou em-si-para-si como era atribuída a forma da beleza em *O ser e o nada* de 1943, temos aqui a totalidade histórica e social, pois uma vez que as contradições sociais dilaceram o mundo, este se mostra carente de beleza não mais por sua condição ontológica, mas por sua situação histórica. É por isso que não haverá totalidade que não aluda a uma exigência de sua própria totalidade. Tal exigência é a exigência da beleza que, uma vez arraigada ao mundo, exigirá da beleza mesma sua acomodação à situação histórica. Mas uma vez que afere uma forma, uma totalidade, enfim, um absoluto, ela não pode ser senão a própria beleza. Sartre elabora esse movimento porque não quer fazer da beleza uma espécie de mistificação. Isso possibilita uma reaproximação entre arte e moral na medida em que pela beleza o artista se torna responsável não só pela sua obra, mas pelo mundo em que ela se funda. Nesse caso, a arte não é dissidente do seu tempo histórico sob a pena de se mistificar e com isso impossibilitar a própria beleza, isto é, a exigência de totalização de seu próprio tempo. Deste modo, não haverá mais separação entre consciência imaginante e realizante, mas a arte se torna, ela mesma, práxis imaginária. A estética afere, assim, ao absoluto-histórico, isto é, à finitude humana. Nesse caso, a finitude exige a beleza e a beleza não pode ser senão a expressão da própria finitude.

# **COMUNICAÇÕES**

**INTENCIONALIDADE**



## INTENCIONALIDADE EM HUSSERL E BRENTANO

Bruno Alves Macedo  
Universidade Federal do Paraná – UFPR  
bruno.alvm@gmail.com

Pretendemos fazer uma delimitação da forma como Brentano desenvolve o conceito de intencionalidade como caráter específico dos fenômenos psíquicos, será levado em consideração uma das principais características: a imanência do objeto intencional. Também delimitaremos o desenvolvimento do conceito de intencionalidade de ato conforme Husserl herdou de seu mestre, destacando principalmente como o objeto intencional passa a ser um transcendente. As obras estudadas neste trabalho são: Sobre a Classificação dos Fenômenos psíquicos de Brentano; As Investigações Lógicas e A Ideia da Fenomenologia de Husserl; A crítica da Razão na Fenomenologia de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Concluiremos o trabalho com uma análise geral dos pontos que mostram diferenças claras na transição do conceito de Brentano para Husserl e suas implicações. Será consequente disso, que haja uma clarificação de como o autor da redução fenomenológica propriamente dita entende o psicologismo ao qual Brentano está limitado e como houve um afastamento desse psicologismo nas obras Filosofia da Aritmética e As Investigações até A Ideia da Fenomenologia, ou seja, envolve um estudo de certos momentos específicos da epoché. Um dos principais lemas da fenomenologia, “toda consciência é consciência de alguma coisa”, será revisitado e mais uma vez reforçado. Será levado em consideração a forma como Brentano afirmava que o objeto intencional é real, assim como serão explicitadas as relações primárias e secundárias presentes no indivíduo. Uma das principais consequências de seu pensamento é que os concei-

tos de causa e substância derivem da experiência, o que, ao longo do trabalho, será entendido como uma das limitações do conceito inicial de intencionalidade, pois Husserl irá retirar a intencionalidade da esfera da experiência psíquica para levar até uma purificação lógica. A partir disso pode-se entender melhor o funcionamento da epoché, principalmente em sua etapa inicial conforme desenvolvida nas Investigações.

## DE BRENTANO A HUSSERL: REPRESENTAÇÃO, JUÍZO E INTENCIONALIDADE

Daniel Peluso Guilhermino  
Universidade de São Paulo – USP/CAPES  
daniel.guilhermino@usp.br

É bem conhecida a classificação de Brentano dos fenômenos psíquicos em representações, juízos, e fenômenos de amor e ódio. Também conhecida é a tese que Brentano extrai dessa classificação, qual seja, a de que os fenômenos psíquicos obedecem a uma certa hierarquia, sendo ou representações, ou fundados em representações. Esse privilégio da representação na classificação dos fenômenos psíquicos é a tese contra a qual Husserl se volta de maneira extremamente pormenorizada na sua 5ª Investigação Lógica, de modo que pode-se dizer que toda a analítica da consciência intencional ali contida é, grosso modo, fruto de seu embate com essa simples proposição brentaniana. Esse embate comporta tanto uma aproximação quanto um afastamento: de um lado, Husserl preserva a ideia original de Brentano quanto à fundação de certos atos em atos de representação; de outro lado, modifica completamente o sentido mesmo desses atos de representação, o que terá por consequência uma doutrina do juízo – ou melhor, o esboço de uma nova doutrina do juízo – bastante distinta da ortodoxia brentaniana. Nossa proposta nesse trabalho está dividida em dois momentos: primeiramente, pretendemos apresentar as características da concepção de intencionalidade em Husserl expostas na 5ª Investigação Lógica e mostrar como elas emergem do confronto direto com a tese brentaniana do primado da representação. Visamos, com isso, esclarecer o que motivou

Husserl a cunhar novos conceitos para a descrição dos atos intencionais, tais como os conceitos de qualidade, matéria e essência intencional, bem como sua concepção de nome e proposição, que, junto com a ideia de atos posicionais e atos aposicionais, representará uma reformulação da tese brentiana acerca da fundação dos atos, na medida em que subsume representações e juízos sob um único gênero qualitativo de atos, o objetivante. Num segundo momento, pretendemos explorar de que modo toda essa reformulação da tese brentiana é dependente de uma desambiguação do conceito de representação (*Vorstellung*) – desambiguação que, diga-se de uma vez, é decorrente de anos de reflexão de Husserl acerca desse conceito, ao menos desde 1894. Essa desambiguação nos oferecerá ao menos cinco significados distintos para o conceito, e esses significados desempenharão um papel crucial na problemática que nos ocupará nessa nossa segunda parte, problemática tão cara às Investigações Lógicas no seu todo, qual seja: aquela da delimitação dos domínios do simbólico e do intuitivo. Uma leitura apressada da 5ª Investigação pode gerar a interpretação de que esses domínios se diferenciam meramente em seu aspecto qualitativo, e o texto de Husserl (principalmente se levadas em conta as reelaborações da versão de 1913 das Investigações) naturalmente contribui para isso. Queremos sugerir, todavia, que essa interpretação ainda é proveniente de um apego à univocidade do conceito de representação (tão atacada por Husserl), e que na medida em que se compreende o sentido exato do conceito de *Repräsentation* (distinto do de *Vorstellung*), dificilmente será possível ver a distinção entre o simbólico e o intuitivo como uma distinção qualitativa, mas antes ver-se-á que se trata de uma distinção material, ou, mais precisamente, de uma distinção que convém à relação da matéria do ato com sua base re-presentativa (*repräsentierenden*), relação essa que Husserl chama de forma da apreensão. Com isso, esperamos contemplar um tópico

De Brentano a Husserl: representação, juízo e intencionalidade

essencial não só para a interpretação das Investigações Lógicas, mas também para a posição de Husserl face a Brentano e aos brentanistas com respeito à compreensão da intencionalidade.



## CONSCIÊNCIA, INTENCIONALIDADE E NEGAÇÃO EM SARTRE

Prof. Jonathan Camargo da Silva  
camargojonathan91@gmail.com

O presente resumo tem por objetivo discutir, em linhas gerais, aquilo que Sartre entende por Intencionalidade, tendo em vista a importância de tal noção na estruturação do pensamento do existencialista. Pretende-se, assim, apontar como essa intencionalidade se afirma como sinônimo de negação. Desde sua primeira obra de cunho filosófico: *A Transcendência do Ego* (1936) a noção de intencionalidade já ocupava um plano privilegiado, nesse caso em particular, como saída para o impasse do solipsismo. Para o parisiense, a consciência tem como sua estrutura, seu modo de ser, a intencionalidade, isso significa dizer que a consciência é relação a algo que dela difere. Grosso modo, pode-se dizer que a consciência “empreende” uma fuga constante para o mundo. Em *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: A Intencionalidade*, Sartre descreve a necessidade da consciência em existir como algo que não ela, não significa, porém, que a consciência se finde nesse outro que não ela, significa tão somente que a intencionalidade é o caráter “mundano” da consciência, e a importância desse “escapar” para o mundo é justamente que nesse processo a consciência, sendo intencionalidade de ponta a ponta, descobre uma totalidade que não ela. Ainda na obra acima citada, a intencionalidade é descrita como um “explodir em direção a algo”, significa que a consciência, sendo intencionalidade, é consciente de si como sendo consciência (de) algo transcendente, o que é equivalente afirmar que ela não posiciona a si mesma por estar voltada para a alteridade. Segundo Sartre (2011) em sua opus magna, *O Ser e o Nada*, não significa dizer que a consciência cria o mundo, mas, sim, que ele apa-

rece à consciência como já estando aí, o que significa que a consciência só o desvela, e, em verdade, a existência desse mundo permanece separada da consciência. Mas, questionar-se-á, como então a consciência não se perde nesse processo constante em direção a outrem? Uma possível resposta advém do caráter de negação que essa recebe no âmago do pensamento sartreano. Assim, ao mesmo tempo em que a consciência é uma “paixão” desenfreada, por exemplo, pela alteridade, também, ela é uma repulsa extrema a tudo isso que dela difere. Entenda-se com isso que é por ser intencionalidade que se pode dizer que ela é relação ao mundo, e desse modo, por ser relação, só pode ser, em essência, negação. Portanto, a guisa de conclusão, pode-se afirmar que a intencionalidade na obra de Sartre é fundamentalmente negação, desprendimento de si e daquilo a que propende.

## A HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE EM MARTIN HEIDEGGER E A INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA DE ARISTÓTELES

Flávia Neves Ferreira

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR

flavia\_neves002@hotmail.com

O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar a constituição do método fenomenológico nos anos juvenis de Heidegger (início dos anos 20), em seu caráter hermenêutico. O interesse desta análise paira, sobretudo, no papel de Aristóteles na compreensão distinta de Heidegger em relação a filosofia fenomenológica. Pretende-se, portanto, examinar como Martin Heidegger converte alguns conceitos aristotélicos em estruturas formais; as quais são encontradas, especialmente, no informe-Natorp ou “Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles”. A temática central da filosofia heideggeriana, no início dos anos 20, respalda-se no esclarecimento sobre a vida fática e no desenvolvimento de um método adequado, pelo qual a vida fática exige para que possa ser esclarecida em sua estrutura fundamental. O filósofo aponta para a ideia de uma filosofia enquanto fenomenologia pré-teorética e originária. Assim, o âmbito do pré-teorético é que determina o método para se apreender as coisas mesmas na sua facticidade. Cabe destacar que em meio ao embate que Heidegger empreende com alguns filósofos da tradição, Aristóteles aparece com um estatuto privilegiado, pois é justamente em Aristóteles que Heidegger encontra a abertura para pensar a vida fática. Os cursos de Freiburg parecem ser uma introdução ao exame do filósofo grego, que Heidegger se dedicará pormenorizadamente em cursos posteriores, mais especificamente, como professor na Universidade de Marburg. Ademais, a tarefa da feno-

menologia torna-se para Heidegger o que ele denomina de “desconstrução” (Destruktion) da tradição ontológica da filosofia ocidental, no sentido de “desestruturar” o depósito sedimentado do conhecimento, a fim de dar abertura a compreensão de uma história do ser que está encoberta pela tradição. Em Aristóteles, o que deve ser desconstruído refere-se à interpretação escolástica e neoescolástica de seu pensamento, assim a desconstrução deve encontrar na ontologia aristotélica a concepção do ser. No informe-Natorp, Heidegger apresenta um conjunto temático em que se articulam os conceitos práticos de Aristóteles com o projeto de uma hermenêutica da factidade: a kinesis da vida fáctica, a phronesis e sua relação com o kairos e a situação concreta, a urgência da praxis frente ao mundo teórico. Nessa direção, a interpretação fenomenológica de Aristóteles torna-se o solo para uma hermenêutica da facticidade, isto é, uma interpretação explicitadora da vida nos seus diversos modos de ser a partir dela mesma. Em Heidegger, a hermenêutica deixa de ser um conjunto de preceitos metodológicos para ser concebido no movimento dos modos de ser do Dasein que se volta para a manifestação da kinesis da existência humana, ou seja, sendo ela mesma autocompreensão.

# **COMUNICAÇÕES**

**ESTÉTICA**



## A SUBJETIVIDADE DO ARTISTA NA ARTE AMERICANA DO PÓS GUERRA: A *POP ART* VERSUS O EXPRESSIONISMO ABSTRATO

Isabela Simões Bueno  
Universidade Federal do Paraná - UFPR  
isabelasimoesbueno@gmail.com

O período pós-guerra foi responsável pela emergência de diversas vanguardas artísticas na Europa, as quais influenciaram de maneira intensa a arte americana. Nos Estados Unidos, destaca-se o surgimento do expressionismo abstrato, movimento que mesclava características do expressionismo alemão –sua forte intensidade emocional– com o cubismo e o futurismo, principalmente no que concerne ao antifigurativismo. Seus representantes, dentre eles Jackson Pollock e Clyfford Still, buscavam retratar a esfera subjetiva do artista, e para isso utilizavam-se de formas não convencionais de pintura, como a célebre *action painting* de Pollock. Nesse processo, conforme descrito por Gombrich (2012, p. 604), “tornando-se impaciente com os métodos convencionais, [Pollock] colocou suas telas no chão e pingou, derramou ou projetou suas tintas de modo a formarem configurações surpreendentes”. O objetivo era destacar aspectos próprios da subjetividade do artista, fazendo com que ele se tornasse o centro de sua obra. Anos mais tarde, na contramão do expressionismo abstrato, surge a *pop art*, que, conforme sugere o termo cunhado pelo crítico de arte inglês Lawrence Alloway, buscava juntar dois conceitos tradicionalmente opostos entre si: “*pop*” e “*art*”. É possível então entender a proposta dos artistas que integraram esse movimento: a arte deveria subverter a hierarquia cultural imposta até o momento –que separava a arte exposta em museus daquilo que era popular. Grandes nomes da *pop art* como Roy

Lichtenstein e Andy Warhol realizavam esse objetivo através não só das temáticas da grande massa, mas também a partir do uso de técnicas pouco usuais para produzir suas obras de arte. O método da serigrafia adotado por Andy Warhol, por exemplo, era próprio da indústria têxtil, e foi utilizado pelo artista como forma de reproduzir em massa a imagem desejada. A repetição de uma mesma imagem em cima de telas brancas de tamanho igual trazia consigo uma atmosfera superficial mais ligada aos anúncios de propaganda do que à tradicional concepção de arte. Segundo Danto (2012, p. 30), “os expressionistas abstratos e os artistas pop tinham concepções radicalmente opostas sobre o que os artistas faziam. O artista pop não tinha segredos íntimos”. Nesse sentido, o objetivo da presente comunicação é abordar as principais divergências entre os expressionistas abstratos e os artistas pop no que concerne à subjetividade exposta em suas obras. Para isso, em um primeiro momento dissertaremos de maneira mais detalhada sobre os métodos utilizados para a produção da obra de arte em cada um dos movimentos, para enfim analisar as próprias obras dos artistas Jackson Pollock, Andy Warhol e Roy Lichtenstein, tendo em vista a presença ou ausência dos aspectos subjetivos.

## MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO EM GILLES LIPOVETSKY

Paloma Volski Mariano  
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO  
Palomavolski\_m@hotmail.com

Sabemos que em meados do século XIX, Gilles Lipovetsky sinaliza o rompimento de sociedades holistas para o nascimento do sistema moda, pautado na lei da renovação acelerada, no efêmero, na frivolidade e na paixão pelo novo. Isso ocorre em prosseguimento às suas indagações sobre o indivíduo individualista, pois segue reportando aos caminhos percorridos para que o processo de individualização adentrasse seu ciclo histórico. Ademais, o todo social fica regido pelos ditames do sistema moda, tornando-se, assim, uma sociedade-moda. Contudo, o deslocamento de suas pesquisas para o âmbito da arte se dão em virtude da ruptura ocorrida entre o modernismo e o pós-modernismo, ao qual o autor discute tendo como pano de fundo os fenômenos artísticos ocorridos entre os séculos XIX e XX. Para Lipovetsky, os acontecimentos como a “rebeldia” dos artistas modernos é fruto da sociedade estabelecida sobre a rejeição ao antigo e da epidemia do novo e, através disso, o modernismo aparece como o precursor do período revolucionário na esfera da arte. Compreendemos que o modernismo sob a perspectiva lipovetskyana, determinando-se como uma nova forma de arte, institui a autonomia como um fundamento, uma dimensão que projeta uma inversão na relação entre o quadro e o objeto, manifestando uma submissão do objeto ao quadro e não o seu contrário. Entretanto, enquanto o modernismo se configurou pela invenção e inovação, há uma passagem para o período pós-modernista, este exemplificado pelas mudanças que aconteceram tanto no campo da arte como no campo político. No pós-modernismo

temos fenômenos artísticos heterogêneos e que misturam os variados estilos, culminando numa arte de certa forma eclética, não original e nada revolucionária, ao que Lipovetsky define como sendo o momento em que temos uma decadência estética muito grande, gerando um problema estético. Dessa maneira, nesta fase, a arte tem uma expressão livre, autônoma e que tem uma linguagem mais subjetiva, mas que está presa em seu próprio vazio.

# A MELODIA NA CONCEPÇÃO SCHOPENHAURIANA DE MÚSICA

Luciano Kluszcowski

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

lucianokluszcowski.lk@gmail.com

O trabalho em questão, tem por objetivo, esclarecer e discutir a temática da melodia no pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), onde, em sua obra, *O mundo como vontade e como representação*, está exposto acerca da música como um todo e as particularidades da melodia, adentrando as fundamentações dos sons afim de elucidar um tema pouco explorado até então. Mais especificamente é no tomo I, livro III, § 52, e tomo II, capítulo 39 que ele vai discorrer objetivamente sobre a música. Não obstante, Schopenhauer coloca a arte musical como tendo um papel preponderante sobre todas as demais artes, pois ela, diferentemente da arquitetura, da poesia e da pintura, fala diretamente a linguagem da coisa-em-si, ou seja, fala de forma única da essência do mundo. E mesmo quando esta traz amiúde as emoções pelos sons, não está falando somente de emoções subordinadas como o medo ou alegria em relação a algo, mas sim, as emoções mesmas como *O Medo* ou *A Alegria*. Sendo assim, a música se apresenta de forma pura e instantânea sem estar fadada à razão que delibera e, portanto, calcula (que para o filósofo era decepcionante uma arte sobrepujada somente à pensamento), pois a arte ou a música só estarão puramente quando estiverem livres das amarras conceituais que provém, necessariamente da razão. Em suma, esta pesquisa problematiza, ao mesmo tempo que tenta clarificar, a medida em que a música se encarrega de trazer ao mundo a arte mesma encontrada na natureza e que se faz

objeto neste mundo através da mente do gênio. Convém relembrar que para o filósofo alemão o mundo é regido pela representação. A coisa-em-si ou a Vontade (“Vontade” sendo a essência do mundo e “vontade” como sendo o núcleo desejante de todas as criaturas) atua fora de qualquer representação ou está longe do alcance do mundo fenomênico. O gênio nada mais faz que, de forma singular e extraordinária, abstrair-se para esta Vontade e captar sua essência única. Depois disso, sua inspiração é trabalhada pela capacidade do gênio que expõem a música neste mundo como uma forma de transcendência e, consegue assim, recriar, mesmo que por um momento ínfimo, a coisa-em-si que, até então, era inacessível aos sujeitos.

## A REPRODUÇÃO DA OBRA DE ARTE EM WALTER BENJAMIM

Valéria Andressa Teixeira  
Universidade Estadual do Centro-Oeste- UNICENTRO  
valeriaandressateixeira@outlook.com

Esta pesquisa introduz a discussão sobre a reprodução da obra de arte, partindo do texto “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”, de Benjamin, o qual discute a relação de trabalho a partir da cultura. Essa discussão é tomada aqui como pontos de partida, porque é a partir de uma análise da cultura que Benjamin descreve o rompimento de uma tradição artística decorrente do aperfeiçoamento de uma técnica moderna de produção. Assim sendo, o presente trabalho buscará discutir a seguinte questão: já que os meios de produção capitalista são alimentados pela indústria do belo, qual é a relação da arte com tais meios? Além disso, pretende-se conduzir o texto explicando primeiramente a relação de Benjamin com o marxismo e posteriormente discutir o seu modo de retratar o fim da aura na obra de arte. O sistema marxista inspirou Benjamin a fazer parte da Escola de Frankfurt, vindo a desenvolver em seu ensaio uma discussão sobre o fim das técnicas tradicionais, como a litografia, que caracterizavam o valor de obras de arte a partir do uso feito pela burguesia para expressar o seu intelectualismo e suas condições econômicas. Deste modo, Benjamin percebeu que, com o desenvolvimento do capitalismo, seguiu uma nova técnica, a fotografia, a qual favoreceu a exibição de produtos. Ela “permite pela primeira vez às artes gráficas não apenas se entregassem ao comércio das reproduções em série, mas de produzir, diariamente, obras novas. Assim, doravante, pôde o desenho ilustrar a atualidade cotidiana” (BENJAMIM, p. 12, 1975). Isto foi, para Benjamin, uma manifestação de que a arte estava perdendo o seu valor,

já que era feita com uma intencionalidade de exibição. Em outras palavras, se a pintura buscava expor a individualidade das pessoas e a fotografia buscava retratar as faces das pessoas e registrar o seu cotidiano — as ruas, as guerras, os soldados em combate e os objetos. Dessa forma Benjamin passa a analisar o uso da obra de arte como cópias usadas nos produtos diários, para representar o cotidiano. Tais cópias, enquanto representações, não resultavam apenas do desejo de produzir ou realizar objetos de modo satisfatório, mas do desejo de uma padronização de ações. Neste sentido, buscava-se produzir produtos por meio da arte para promover desejos particulares ou, em outras palavras, políticos, os quais eram reproduzidos através de uma exigência de gostos. Um exemplo era o uso da violência nas produções cinematográficas, que estava presente no cotidiano de burgueses e proletários, e que gerava o controle do comportamento das pessoas. Assim, a relação da arte com os meios de produção capitalista foi explicada por Benjamin como um modo de exibir a obra de arte para toda a massa, pois o capitalismo trouxe a ela um conhecimento que era tido somente para os burgueses. No entanto, a sua exibição ilimitada fez com que a obra de arte perdesse a sua aura, pois foram retiradas de seu contexto histórico que revelava todo o sentimento expressado pelo pintor. Esta aura se perdeu, também, por estarem as obras exibidas em qualquer lugar, sem a presença de um pensamento crítico, o que fazia com que a obra de arte original se tornasse irreconhecível pelo seu artista diante de inúmeras cópias.

# **COMUNICAÇÕES**

**FILOSOFIA DA CIÊNCIA**



## HELEN LONGINO: CIÊNCIA, VALORES E FEMINISMO

Renata Lima Zucheli  
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO  
renata\_zucheli@hotmail.com

O presente resumo pretende analisar a formação conceitual da elaboração da teoria feminista crítica da ciência, teorizando conjuntamente com os aspectos necessários para uma possível construção de uma epistemologia mais social e política e de fato feminista, abordando seus pontos convergentes e divergentes que fomentam a base da teoria. Tendo esses conceitos como aspectos primordiais, a crítica feminista à ciência obtém fundamentos suficientes para os questionamentos a uma imagem de ciência tradicional, autoritária e androcêntrica. Esses aspectos do reconhecimento de uma ciência feminista perante toda a história da ciência são fomentados no estudo da filósofa da ciência Helen E. Longino, mais precisamente em sua obra *Science as Social Knowledge: Values and Objectivity in Scientific Inquiry* (1999), onde retrata os diversos posicionamentos misóginos e sexistas que a história da ciência formulou, perpetuou e perpetua atualmente, junto a corrente epistemológica que realça o viés científico reconhecendo a mulher como sujeito. Todo o arcabouço histórico-científico se designaria na dicotomia de uma “ciência boa” e uma “ciência má”? Pensar os aspectos do modo de operação metodológico da ciência é fundamental para o entendimento epistemológico do estudo de sua história e progressão. O “como” se faz ou pretende-se fazer ciência versa sobre uma infinidade de possibilidades e restrições que a acompanham desde seu surgimento onde, desta forma a filosofia da ciência a historiciza para analisar a contingência de sua estruturação. As discussões científicas não estão alheias às políticas públicas, aos direitos huma-

nos e a todo o cunho social. Pelo contrário, estão imersas numa gama de pressupostos que estabelecem e reforçam a afirmação de que a prática científica está cada mais distanciada de projetos de desenvolvimento sociais, políticos e culturais. A ciência se dá no mundo, e sua estagnação frente a isso corrobora para a inadimplência de uma mudança social significativa. O papel da história foi fundamental para o esquecimento da mulher, em primeiro lugar como um sujeito, nem mesmo as mulheres tinham noção para reconhecimento como tal e, conseqüentemente, conseguiram apagar qualquer propensão para que esse pensamento de reconhecimento fosse efetivo e permanecessem na história. A construção da figura da mulher na ciência é dilacerada e foi sepultada durante anos. A investigação por essas mulheres que fizeram e fazem ciência é necessária, não apenas a investigação como a divulgação e sim, seu dado reconhecimento do qual foram impossibilitadas. O estudo sobre as mulheres que fizeram ciência, filosofia ou qualquer outra área do conhecimento clama pelo seu reconhecimento e propagação e no montante do desenvolvimento dessa pesquisa à pretensão desse resgate. Desta maneira, a dada epistemologia que surge para engendrar os meios científicos, a epistemologia feminista, em contrapartida à epistemologia regente e totalmente destituída de princípios que corroboram para a emancipação feminina.

## A IRRACIONALIDADE NA CIÊNCIA E O CONHECIMENTO EM FEYERABEND

Patricia Neumann  
Universidade Estadual do Centro Oeste- UNICENTRO  
souhumanista@gmail.com

Gilmar Evandro Szczepanik  
Universidade Estadual do Centro Oeste- UNICENTRO  
gilmarevandro@unicentro.br

O objetivo deste resumo é mostrar que a ideia de irracionalidade na ciência está relacionada a um modo de conceber o conhecimento. Para Feyerabend, não existe um tipo de conhecimento simples, uniforme, universal, atemporal, independente e imutável, como se fosse uma entidade abstrata e separada do mundo. O conhecimento científico, assim entendido, não é conhecimento, mas dogma. O conhecimento é, ao contrário, um conjunto de possibilidades que não param de se modificar conforme as necessidades da vida dos participantes de um contexto. Tais possibilidades (teorias científicas, mitos, senso comum, metafísica, etc) são, muitas vezes, incompatíveis e estão em constante articulação no processo de desenvolvimento individual e social. Estes múltiplos conhecimentos influenciam a organização social de um povo e sua sobrevivência. Conceber o conhecimento como plural implica tirar o poder dado a uma tradição apenas. Significa trocar a atitude de dominação pela de debate e respeito em meio a discordâncias que, muitas vezes, podem ser profundas. Prender-se a uma teoria ou a um conjunto delas, embora sirvam de orientação ao cientista, também o leva a excluir outras possibilidades e, com isto, prender-se em idealizações da realidade e não nela mesma. Assim, a sociedade é um elemento fundamental na ideia

de conhecimento e de ciência. E nesta ideia de que o conhecimento é plural e não hierárquico que se insere a irracionalidade. Ela aparece no momento em que os cientistas mudam o método vigente e burlam as regras estabelecidas como corretas para realizar uma pesquisa ao considerar hipóteses inconsistentes e, inicialmente, absurdas. Trata-se de ir contra a tradição para modificá-la. A irracionalidade também está no momento de transmitir os resultados. O convencimento das novidades não se dá apenas por argumentos, mas também por propaganda, hipóteses ad hoc, emoções e preconceitos, i.e., atitudes que, do ponto de vista hegemônico do Racionalismo, não deveriam fazer parte da ciência porque, acredita-se, ela teria uma natureza totalmente diferente de outros conhecimentos. A ideia desta diferença ontológica que separa ciência dos demais tipos de conhecimento não é neutra e objetiva, mas sim uma crença que não foi suficientemente investigada, pois comumente se ignoram circunstâncias sociais como a colonização que não foi apenas entre povos, mas também no pensamento. Em uma perspectiva hegemônica, o que impera é a exclusão daquilo que não se adequa ao considerado correto e/ou verdadeiro. A pluralidade não é reconhecida, pois não se atribui a mesma importância às diferentes tradições. Considera-se que a ideia de irracionalidade na ciência se pauta em um dos elementos desconsiderados numa tradição racionalista: a pessoa do cientista (o que implica, de certo modo, em subjetividade). Bem como, levar em conta, e.g., a propaganda e os preconceitos como meios de convencimento tem relação com a conduta e os valores, i.e., as relações sociais e tais relações envolvem considerar tempo e espaço. Reconhecer a irracionalidade como um elemento na ciência faz parte de uma tradição de pensamento na qual a noção de conhecimento não se limita a uma única verdade nem a um só grupo que a detenha.

## **OBJETOS TÉCNICOS E CULTURA: SOBRE A FIGURA DO TECNÓLOGO NA FILOSOFIA DE GILBERT SIMONDON**

Bruno Leandro Pereira Correa Bueno  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
bruno1510br@gmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo o estudo e elucidação do conceito de tecnólogo presente na obra intitulada *Sobre o Modo de Existência dos Objetos Técnicos*, de Gilbert Simondon (1924-1989). Na obra em questão, o autor primeiramente se propõe a fazer uma genealogia do objeto técnico, isto é, analisá-lo desde sua invenção para melhor compreendê-lo, a fim de demonstrar uma realidade humana nele inserida. Seguidamente, o autor explica a relação entre o homem e o objeto técnico. Por fim, é feita uma explicação do conceito de tecnicidade, definindo-o como “um modo de relação do homem com o mundo”. Sendo assim, nota-se que através dessa obra o filósofo procura demonstrar que o objeto técnico não deve ser considerado como algo privado de significações e com uma mera função de utilidade, pois o objeto é um intermediário dentro da relação homem-mundo e algo que “promove resoluções de tensões dessa relação”. Nesse sentido, o autor explica que para atingir uma conscientização adequada em relação ao objeto técnico, necessita-se uma reintrodução da natureza das máquinas na cultura através da atividade do pensamento filosófico exercida pela figura do tecnólogo. Isto é, uma universalização dos ensinamentos fundamentais da tecnologia, deixando a iniciação técnica sobre o mesmo plano da educação científica. Essa mudança quanto à visão da cultura nesse contexto, poderia dar ao homem os meios para pensar sua própria existência, uma maior criticidade quanto a estereótipos e uma nova

abordagem quanto ao automatismo. Além disso, em sua tese o autor se propõe a postular uma hierarquização por parte do homem em relação ao objeto técnico, pondo o elemento técnico como inferior ao indivíduo técnico; e em sua obra o autor explica de onde advém tal problema. Assim sendo, através da reconstrução das principais ideias filosóficas desenvolvidas por Simondon, pretende-se compreender a fundo a estruturação do objeto técnico e de sua possível inserção no mundo cultural. Tendo como finalidade, a elucidação da ideia de tecnicidade para, por fim, efetuar uma compreensão de como se daria a atividade da figura do tecnólogo.

## O MÉTODO CIENTÍFICO EM THOMAS KUHN

José Felipe Cravelin  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
jfelipe-cr@outlook.com

Trata-se da apresentação do paradigma schleiermacheriano de leitura de Platão, conforme a exposição do próprio Schleiermacher em sua “Introdução aos Diálogos de Platão”. Segundo Schleiermacher, muitos equívocos foram formulados acerca do filósofo grego pelo fato de os Diálogos serem lidos ora de forma sistemática, ora de forma fragmentária. Dessas leituras, no dizer de Schleiermacher, resultam má-interpretações e acusações ao fundador da Academia, como, por exemplo, a incoerência de seus escritos e a distinção de seu ensino em exotérico e esotérico; o que, para o hermeneuta alemão, tende a modificar significativamente a filosofia platônica. Na tentativa de mudar esse quadro, Schleiermacher proporá então, em sua época, uma nova maneira de ler o ateniense. Primeiramente, distingue, de acordo com as épocas, o uso dos termos exotérico e esotérico (pitagóricos, sentido teosófico e o uso pelos sofistas); depois, propõe que a obra deve ser tomada como um todo, um conjunto-interligado, e não a fragmentar, tal como muitos faziam até então. Schleiermacher parte do pressuposto de que a intenção de Platão era levar a alma do leitor a pensar por ela mesma, mais do que elaborar um magnífico esquema metafísico. Para tanto, no dizer do comentador, os Diálogos deveriam ser lidos em sua sequência natural, de modo a descortinar o progresso do pensamento de Platão e o seu cálculo minucioso para levar o leitor à aporia e, como consequência, despertar neste o desejo pelo filosofar. Somente assim, ainda conforme Schleiermacher, é que se poderia falar de exotérico e esotérico em Platão: enquanto quali-

dade do leitor; isto é, exotérico quando o leitor não interioriza o que leu, mas apenas o toma de maneira superficial; esotérico, quando o leitor passa a pensar por ele mesmo, o que seria a verdadeira intenção de Platão. Mas, para determinar essa sequência dos Diálogos, que, para o alemão, há muito já se havia perdido, segundo ele, até mesmo entre os contemporâneos de Platão, é preciso distinguir os Diálogos autênticos e os espúrios. Para tanto, Schleiermacher se utilizará do que ele chama de escritos-tronco, que seriam os Diálogos principais, nos quais estariam contidas as principais ideias de Platão. Determinando tais escritos, através do estudo do uso da linguagem feita por Platão, conteúdo e forma dos mesmos, conforme o hermeneuta, pode-se extrair os demais escritos, que são os brotos ou derivados. A linguagem, para se determinar o que há de incomum entre os termos usados por Platão; o conteúdo é quanto aos assuntos dos quais se ocupava o filósofo; e a forma diz respeito à essência, ao que sempre está presente em qualquer escrito. Essa última, segundo Schleiermacher, é a forma conversacional que tende a elevar a alma do leitor, através do método socrático da ironia e maiêutica. Eis a proposta de Schleiermacher para a leitura de Platão, a qual nos propomos apresentar; em especial, a exigência segundo a qual a obra platônica deve ser lida em seu todo, mediante a interligação dos Diálogos, e o pressuposto de que um não é sem o outro, mas se encontram de uma maneira progressiva.

**COMUNICAÇÕES**  
**HERMENÊUTICA E ONTOLOGIA**



## SCHLEIERMACHER E O PARADIGMA TRADICIONAL DE LEITURA DE PLATÃO

Mayara Reimundo Galinski  
Prof. Dr. Manuel Moreira da Silva  
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO  
mayararg98@hotmail.com

Trata-se da apresentação do paradigma schleiermacheriano de leitura de Platão, conforme a exposição do próprio Schleiermacher em sua “Introdução aos Diálogos de Platão”. Segundo Schleiermacher, muitos equívocos foram formulados acerca do filósofo grego pelo fato de os Diálogos serem lidos ora de forma sistemática, ora de forma fragmentária. Dessas leituras, no dizer de Schleiermacher, resultam más-interpretações e acusações ao fundador da Academia, como, por exemplo, a incoerência de seus escritos e a distinção de seu ensino em exotérico e esotérico; o que, para o hermeneuta alemão, tende a modificar significativamente a filosofia platônica. Na tentativa de mudar esse quadro, Schleiermacher propõe então, em sua época, uma nova maneira de ler o ateniense. Primeiramente, distingue, de acordo com as épocas, o uso dos termos exotérico e esotérico (pitagóricos, sentido teosófico e o uso pelos sofistas); depois, propõe que a obra deve ser tomada como um todo, um conjunto-interligado, e não a fragmentar, tal como muitos faziam até então. Schleiermacher parte do pressuposto de que a intenção de Platão era levar a alma do leitor a pensar por ela mesma, mais do que elaborar um magnífico esquema metafísico. Para tanto, no dizer do comentador, os Diálogos deveriam ser lidos em sua sequência natural, de modo a descortinar o progresso do pensamento de Platão e o seu cálculo minucioso para levar o leitor à aporia e, como consequência, despertar neste o desejo pelo filosofar. Somente assim, ainda conforme Schleiermacher, é que se po-

deria falar de exotérico e esotérico em Platão: enquanto qualidade do leitor; isto é, exotérico quando o leitor não interioriza o que leu, mas apenas o toma de maneira superficial; esotérico, quando o leitor passa a pensar por ele mesmo, o que seria a verdadeira intenção de Platão. Mas, para determinar essa sequência dos Diálogos, que, para o alemão, há muito já se havia perdido, segundo ele, até mesmo entre os contemporâneos de Platão, é preciso distinguir os Diálogos autênticos e os espúrios. Para tanto, Schleiermacher se utilizará do que ele chama de escritos-tronco, que seriam os Diálogos principais, nos quais estariam contidas as principais ideias de Platão. Determinando tais escritos, através do estudo do uso da linguagem feita por Platão, conteúdo e forma dos mesmos, conforme o hermenêuta, pode-se extrair os demais escritos, que são os brotos ou derivados. A linguagem, para se determinar o que há de incomum entre os termos usados por Platão; o conteúdo é quanto aos assuntos dos quais se ocupava o filósofo; e a forma diz respeito à essência, ao que sempre está presente em qualquer escrito. Essa última, segundo Schleiermacher, é a forma conversacional que tende a elevar a alma do leitor, através do método socrático da ironia e maiêutica. Eis a proposta de Schleiermacher para a leitura de Platão, a qual nos propomos apresentar; em especial, a exigência segundo a qual a obra platônica deve ser lida em seu todo, mediante a interligação dos Diálogos, e o pressuposto de que um não é sem o outro, mas se encontram de uma maneira progressiva.

## DEVIR-MULHER NA FILOSOFIA DA DIFERENÇA DE DELEUZE E GUATTARI

Alice D. de Lara  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
alicedoloresdelara@gmail.com

Este trabalho científico tem como objetivo explicitar a problemática do devir, mais precisamente devir-mulher, na obra Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia Vol. IV de Deleuze & Guattari. Primeiramente é preciso definir a ligação do devir ao devir-mulher, relacionando-os a trabalhos anteriores e, mais especificamente, à obra Revolução Molecular de Guattari. Em suma, indaga-se quando e de que maneira a mulher e o homem passam a devirmulher, tal como compreendem Gilles Deleuze & Félix Guattari. Segundo Deleuze, "devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a "parecer", nem "ser", nem "equivaler", nem "produzir" (Deleuze & Guattari, p.16, 1997). O devir não é algo a ser fomentado, não é algo que se possa assimilar, escapa à imitação. Seria algo que se deseja. Como o autor nos apresenta, devir é parte do desejo, o agenciamento que seria uma variação instável. Para devir é preciso desterritorializar-se. Deleuze nos explica que território expressaria até onde vai o seu espaço e onde começa o espaço do outro, e desterritorialização seria abrir espaço ao diferente, estar aberto ao devir, sair do território. O devir, então, seria o movimento, a inquietação, seria a precipitação e o delongar imanentes, agindo em nossos corpos sem que nós consigamos percebê-lo, para que se possa perceber o devir é necessário estar em processo de devir, processo de desejo. Depois de dito isso, explicitamos a ligação entre o devir e o devir-mulher, tomando-o o sendo o devir primevo. Neste sentido, trataremos do devir-mulher primevo

não no sentido de primitivo, mas no sentido de ser o primeiro, ser a abertura para os outros devires. Portanto, nossos objetivos gerais consistem em explicitar a linha de fuga das minorias, interpretando a partir das ideias de Deleuze & Guattari. Para que possamos fazer a relação da obra de Guattari, à obra de Deleuze e Guattari, precisamos explicitar a conexão do Devir-molecular com o Devir-mulher. É necessário se compreender essa “conexão”, para que possamos explicitar o acontecimento do devir, e sua relação com as revoluções moleculares. Segundo os autores, a relação entre o Devir mulher e o devir-molecular está no fato de que todo devir é molecular, ou seja, pequenos blocos de devir. O molecular constitui elementos que fogem às tais características apontadas pelo molar. Então, se o molar dá a forma e o molecular gera elementos que fogem destas formas, apenas o molecular poderia despontar essas formas molares. Não obstante, o molar pode fazer com que o molecular se renda a partir das linhas de fuga, um pode interferir no outro. Assim, são inerentes. Deleuze & Guattari (1997) nos apresentam a ideia de que o devir-mulher seria a abertura para a variação do que aparentamos ser, seria a quebra de um sistema de vivência e a gênese de algum outro ou início de alguma outra maneira de viver.

## ARTE COMO SOLUÇÃO À MORTE DE DEUS EM NIETZSCHE

André Luiz Lima Cardoso  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
andrell.cardoso96@gmail.com

Pretendemos por este resumo expandido explicitar o problema da “Morte de Deus” na filosofia nietzschiana. Para isto, necessitamos apresentar o diagnóstico de Nietzsche sobre a cultura ocidental onde conclui que essa é uma cultura decadente, ou seja, uma cultura fraca que nega a vida. Iniciamos com o diagnóstico de Sócrates e Platão, que iniciam esse processo de decadência da cultura ao proclamar guerra aos instintos e ao estabelecer o mundo sensível como falso. Prosseguiremos com o diagnóstico Nietzschiano do cristianismo, onde este é considerado como o pensamento da decadência por excelência, pois nega totalmente a vida, o sensível, em nome da “verdadeira vida” prometida após a morte. Seguiremos então com a interpretação de Nietzsche sobre a modernidade, onde este seria um movimento emancipatório que pretende fundamentar a realidade não mais em Deus, mas no próprio homem. Contudo, os modernos apenas estariam mudando o fundamento, os valores ainda seguiriam os mesmos. Chegamos enfim à questão da “Morte de Deus” propriamente, dado que são os próprios modernos os assassinos de Deus, que ao introduzir o homem como fundamento tornam a fé no Deus cristão indigna de crença. Entretanto, a própria procura da verdade na modernidade chega à sua última conclusão, de que a verdade na realidade não existe, e com isso se dá a derrocada do niilismo, onde pela falta de sentido da existência o homem moderno é acometido pelo pessimismo, procurando seu próprio enfraquecimento.

Todavia, Nietzsche considera possível uma outra interpretação sobre este acontecimento, se não há sentido próprio na existência, podemos ainda criar um sentido, desta forma, a interpretação artística da existência se constitui como a solução ao problema da "Morte de Deus". Essa interpretação pode se dar de duas formas, pelas interpretações apolínea e dionisíaca. Na interpretação apolínea o indivíduo é visto como um personagem do teatro, mais propriamente, como um herói simplificado que não seria alvo do pessimismo que decorre da falta de sentido do niilismo. Entretanto, essa é uma solução temporária, e incompleta, pois não afirma plenamente a vida, mas esconde os aspectos terríveis dela para tornar a vida suportável. Já a interpretação dionisíaca afirma a vida plenamente, pois através dela toda a vida do indivíduo é ajustada em um plano artístico onde todo o aspecto horrível da vida é afirmando como necessário.

## OS INTELLECTUAIS E GRAMSCI

Allyson de Bastos  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
allysonsilvestri@gmail.com

Faremos aqui uma breve exposição acerca da posição dos intelectuais em Antônio Gramsci. Com Gramsci, temos o intelectual como aquele que é responsável por conduzir os demais no que diz respeito ao conhecimento. O filósofo não se contenta com a definição de intelectual tida até então, por isso a amplia. Ele nota, assim, que desde a II Internacional (1889) os intelectuais não se satisfaziam somente em pensar sobre a sociedade, mas sim em buscar meios para melhorá-la. Tal perspectiva de não se satisfazer com a realidade imposta influencia Antonio Gramsci de maneira significativa. É importante salientar que, a intelectualidade como vida contemplativa que tivemos, com algumas poucas exceções, até 1848 (com a publicação do Manifesto do Partido Comunista e também, como outro grande marco, em 1864, com a I Internacional, movimentos esses encabeçados por Karl Heinrich Marx) não cabe mais aqui; tal vida contemplativa começa a ser duramente questionada. É preciso uma nova intelectualidade, nos diz Gramsci, uma intelectualidade que leve em conta a vida humana, com suas questões econômicas, políticas e sociais. Segundo esta concepção que se pode chamar de materialismo-dialético, há uma constante luta de classes, e só acabaremos com essa luta com a tomada do poder pelo operariado. Este pensamento e esta filosofia nós podemos chamar de filosofia da práxis, porque busca transformar a realidade na qual se está inserido. Gramsci se inclui, pois, nesta filosofia. Ademais, acreditamos assim, que Gramsci foi um intelectual diferenciado, pois teve alguns fatores históricos e pessoais que o diferenciam do que

em suma se teve como ideia de um intelectual. Fatores esses que podemos elencar o de ser um pensador voltado para a transformação da sociedade e não meramente voltado ao pensar em si. Um dos fatores que tornam Gramsci um pensador diferenciado é o fato de ter passado boa parte de sua vida na cadeia. Além do mais, podemos citar outros fatores históricos e pessoais que o tornam um pensador engajado, assim temos: a Internacional, a luta de classes, o florescimento dos movimentos trabalhistas e operários, bem como da percepção de que eles precisam de ‘pensadores’, e a sua ativa participação política, a fundação do partido comunista na Itália, além de ser uma personalidade que participa ativamente de seu período histórico e que, inclusive, é preso por criticar duramente o regime ditatorial de Benito Mussolini, e, por fim, podemos citar, o fato de Gramsci também ser um intelectual, um intelectual engajado, ou, um intelectual orgânico, mais propriamente dito em sua concepção. Desta forma, esclarecendo o que é o intelectual em Antonio Gramsci, dizemos que “todos os homens são intelectuais”, pois têm a capacidade de se utilizar de seu intelecto, porém, nem todos (mas sim um número bem pequeno) desempenham na sociedade a função de intelectuais. Assim, Gramsci pretende com seu trabalho não algo que seja circunstancial, mas algo duradouro, que possa contribuir de alguma maneira para a renovação da História.

# **COMUNICAÇÕES**

## **TEORIA DO CONHECIMENTO E FILOSOFIA DA MENTE**



## A ESTRUTURA DA INTENCIONALIDADE SEGUNDO A PERSPECTIVA DE SEARLE E LECLERC

Elisa Gabriela dos Santos  
Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO  
elisagabriela10@gmail.com

Neste trabalho apresentar-se-á a estrutura da Intencionalidade segundo a perspectiva do filósofo estadunidense John Searle, a partir do ensaio Intencionalidade escrito em 1995. Relacionando com a percepção do filósofo André Leclerc, em seu ensaio também intitulado de Intencionalidade, escrito em 2005 acerca do sentido do conceito de intencionalidade. Para tal, trabalharemos a visão de John Searle segundo a qual os atos de fala são entendidos como características da mente, composta por: o modo psicológico, o conteúdo representacional e o objeto intencional. Por sua vez, o filósofo André Leclerc percebe na teoria de Searle duas formas claras de pensamento, que distinguem-se em crença e desejo, sobre as quais dissertaremos ao longo deste trabalho. Assim sendo, a intencionalidade para Searle não precisa ter relação com o mundo físico, para que possa formar o significado, ele pretende demonstrar que o mundo não é necessário para atribuirmos significados as sentenças. Nesse sentido, o filósofo André Leclerc ira questionar a forma "como poderíamos falar ou mesmo criar uma estrutura acerca de um ato intencional, considerando que a mesma abrange uma relação com coisas que inexistem?" A in-existência intencional é uma doutrina ontológica: um objeto, aquilo que é representado na percepção, na imaginação, na memória, nas crenças, intenções, nos desejos, receios, temores, e nas várias experiências sensoriais, e teria um status ontológico particular pelo simples fato de ser imamente ao estado mental. Desta forma, o objeto existe somente enquanto ele é mentalmente representado (lembrado, imagi-

nado, etc.) A partir destas distintas perspectivas, nos ocuparemos de apresentar o conceito e estrutura da intencionalidade segundo o filósofo John Searle, bem como dissertar acerca do conceito de intencionalidade apresentado na filosofia de Leclerc. E, posteriormente apresentar a percepção de Leclerc acerca das formas de pensamento, a saber a crença e o desejo, presentes na teoria de Searle.

## O DUALISMO MENTE-CORPO E AS FACULDADES COGNITIVAS NAS MEDITAÇÕES DE RENÉ DESCARTES

Renilson Bail

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

renilsonbail1914@gmail.com

Na presente comunicação pretendo tratar da relação entre o dualismo mente-corpo e as faculdades cognitivas na obra *Meditações*, de René Descartes, no que concerne a sua reformulação do problema mens-corpus no início da Idade Moderna. Tendo adicionado à alma capacidades que antes eram atribuídas aos sentidos internos (viz. imaginação) e realocado ao corpo, mediante explicação mecanicista da fisiologia humana, papéis anímicos tais como a nutrição, o crescimento e o movimento, Descartes rompe com a tradição aristotélico-escolástica ao conceber toda a alma (anima) como mente (mens), i.e., estritamente como coisa pensante (res cogitans), e ao considerar as funções vitais que o homem compartilha com animais e plantas como funções do corpo, sendo este uma coisa extensa (res extensa). Tais elucubrações levam a uma (então) nova concepção das faculdades cognitivas da mens humana, a saber: intelecto e vontade, os quais independem do corpo, e imaginação e sensação, os quais, embora sejam modos de pensamento da mente, dependem de sua união com o corpo. Descartes exemplifica a diferença entre esses quatro modos de pensar por meio do argumento da cera: em seu estado normal possui o sabor do mel e o cheiro das flores donde a recolheram, cor, figura, tamanho, é dura, frígida e, quando tocada, emite um som; entretanto, próxima ao fogo, perde sabor, cheiro, muda de cor, tamanho e figura, fica líquida e quente e não produz nenhum som. Ora, a cera é a mesma, mas nada do que os sentidos captam permite dizer que ela apenas mudou de modo. O

mesmo vale para a imaginação: dos atributos da cera, restam nada além de extensão, flexibilidade e mutabilidade; de fato, ela pode se converter em todas as figurae imagináveis, mas a imaginação é incapaz de percorrê-las todas. Portanto, o ato por meio do qual a mente sabe que a cera é mesma é uma percepção (perceptio) do intelecto; não se trata de um ato de ver, de imaginar, mas uma inspeção da mente (mentis inspectio), de forma que o que julgava ver pelos olhos só é possível compreender pela *judicandi facultate* composta por intelecto e vontade.

## OCKHAM E WITTGENSTEIN: A RESPEITO DA LÓGICA

Msc. Leandro Sousa Costa  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR  
sousa.costa@pucpr.edu.br

Essa investigação tem por objetivo aproximar o pensamento de Guilherme de Ockham e de Ludwig Wittgenstein, especificamente quando tomamos a análise lógica de ambos, no intuito de constatar a hipótese de que Ockham antecipa a tese wittgensteiniana do dizível a partir do princípio da parcimônia – Navalha de Ockham. A nossa argumentação se constrói no seguinte sentido: De um lado, temos a análise lógica proposta por Guilherme de Ockham na Suma Lógica que o conduz ao princípio da parcimônia, isto é, ao se postular algo sobre a realidade, não se deve multiplicar entes desnecessariamente. Por isso, o filósofo inglês sustenta uma ontologia de mundo onde só os objetos singulares possuem estatuto ontológico. Há, portanto, um esvaziamento de entidades da realidade – só existe o singular. Por outro lado, temos a análise lógica de Ludwig Wittgenstein no Tractatus Logico-Philosophicus que o leva a postular a tese do isomorfismo (correspondência entre linguagem e mundo) que, por conseguinte, permite ao pensador estabelecer os limites da linguagem, isto é, dizer somente aquilo que é possível dizer. Sendo assim, a filosofia tractariana trabalha no sentido de esvaziar o mundo de entidades que ele não comporta. Wittgenstein, no entanto, só chega a essa perspectiva aplicando a metodologia de trabalho ockhamista. Isso se justifica a partir de dois aforismos em que o vienense cita Ockham no Tractatus, em 3.328 (no conjunto de proposições em que o filósofo discute a relação entre pensamento e linguagem – a teoria da figuração) e 5.47321 (grupo de

proposições destinadas a pensar a teoria da proposição), referindo-se ao princípio ockhamista. É importante ressaltar, contudo, que os autores estão em contextos de discussões distintos e tal questão é considerada por nós. Cômescio de que Wittgenstein nutria um profundo rigor teórico e metodológico podemos assegurar que ele não se serviu da doutrina de Ockham sem conhecer suficientemente suas teses. Nesse sentido, defendemos a tese de que é possível encontrar ecos ockhamistas na formulação da lógica wittgensteiniana no *Tractatus*.

## A COMPREENSÃO DA IDEIA PLATÔNICA COMO ESPÉCIE EM SCHOPENHAUER

Caio Miguel Viante

Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO

kayo\_vigant@hotmail.com

O presente resumo tem por objetivo explicitar a problemática da compreensão schopenhaueriana da ideia platônica como objeto da arte, tal como exposta no Livro III de O mundo como vontade e representação de Arthur Schopenhauer. Para isso, buscar-se-á determinar em que sentido Schopenhauer concebe a ideia platônica como independente do princípio de razão. Logo após, discutir-se-á a leitura schopenhaueriana de Platão, na medida em que, as ideias não são, apenas formas que participam do mundo transcendente, mas sim grau de objetividade da vontade determinadas em espécies, obra da natureza imanente da vontade. As ideias correspondem “à doutrina da representação na medida em que esta não segue o princípio de razão” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 23). Em outras palavras, “arte não trata de representar o mundo fenomênico, mas a representação, ao se referir à ideia, desloca-se do múltiplo apreendido pelo entendimento, por meio do espaço, tempo e causalidade, para uno intemporal (CACCIOLA, 1999, p.9). Dessa maneira, a ideia apreendida exprime uma forma de conhecimento, que, por sua vez, ocorre de maneira excepcional, isto é, somente quando o conhecimento se encontra independente do princípio de razão na apreensão da ideia imutável. Em conformidade com a doutrina de Platão, a ideia se configura como a forma mais elevada de conhecer, um conhecer puro que, a saber exprime o essência do mundo. De fato, a compreensão schopenhaueriana de ideia enquanto forma imutável se aproxima a platônica. Todavia, se distância ao assumi-la também como espécie, isto é grau de objetividade da vontade

determinada, obra da natureza imanente da vontade. Isto posto, para Schopenhauer, as ideias platônicas não são apenas formas originárias transcendentais apreendidas de modo intuitivo e contemplativo. Mas sim, graus de objetividade da vontade independente do princípio de razão, que também, igualmente inteligível, possui sua natureza comum que é a vontade. Nesse sentido, as ideias de natureza imutável se realizam plenamente e revelam grau determinado da vontade. Todavia, enquanto ideia e, ao mesmo tempo objetividade da vontade determinada é espécie, obra da natureza imanente da vontade, que também se convertem reciprocamente: ἰδέα ou εἶδος (cf. MVR II, § 29, p.415). Por isso, Schopenhauer se aproxima de uma leitura neoplatônica da ideia, dado que sua filosofia não comporta uma dualidade tão radical como a de Platão. Isso significa que o ponto de partida de Schopenhauer é o mesmo de Plotino e Porfírio, pelo menos no que tange o âmbito de um tratamento da ideia que, a saber, se aproxima muito mais de uma visão aristotélica da ideia, ou antes, parte de Aristóteles para chegar em Platão. Essa discussão mostra, porém, a necessidade de observar mais de perto, e com o mesmo cuidado, a concepção platônica e neoplatônica de ideia em Schopenhauer. Assim, a filosofia de Schopenhauer pode ser compreendida como um resgate e/ou desdobramento de uma filosofia platônica e neoplatônica posto que, por meio destas, avança além de uma filosofia transcendental.

# **COMUNICAÇÕES**

## **TEORIA DO CONHECIMENTO E FILOSOFIA DA MENTE**



## A CRÍTICA DE ARENDT À NOÇÃO DE PROGRESSO EM SOBRE A VIOLÊNCIA

Mário Sérgio Vaz

Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO

Mariovaz74@gmail.com

Trata-se de apresentar a crítica de Hannah Arendt (1906-1975) à noção de progresso a partir de sua obra *Sobre a violência* (1969). Esta discussão origina-se da participação de Hannah Arendt no caloroso debate acerca da legitimidade da violência no cenário político. Tema este que suscitou uma série de debates entre intelectuais de renome no Theater for Ideas de Nova Iorque, dentre os quais Noam Chomsky e Susan Sontag. Originalmente, a argumentação de Hannah Arendt veio à luz em forma de artigo com o título “Reflections on Violence” (1969). Noutra ocasião, aparece integrando o livro intitulado *Crises da República* (1972), que além deste, traz consigo outros ensaios diretamente ligados ao tema da violência, a saber “A Mentira na Política – Considerações sobre os Documentos do Pentágono” no qual a autora, a partir da publicação dos documentos que revelaram os processos de tomada de decisões norte-americana acerca da Guerra do Vietnã, analisa o papel e o estatuto da mentira dentro da política; como e no ensaio de título; a questão da “Desobediência Civil” enquanto uma ação legitimamente política, e por fim, uma entrevista compilada no ensaio “Reflexões sobre Política e Revolução – Um Comentário” no qual a Arendt faz um balanço dos movimentos estudantis revolucionários e da possibilidade de uma revolução no cenário político daquela década e aos acontecimentos políticos das décadas de 60 e 70 nos Estados Unidos. Decorrente disso, será abordada a posição de Arendt frente ao problema da relação entre o conceito de progresso e a ciência. A saber, Arendt indica que a ideia de progresso passou a ser vista dentro do

movimento da Nova Esquerda [New Left] como um refúgio confortável com relação à realidade, dado que poderia fornecer respostas à pergunta: o que faremos agora? E a resposta seria apostar na ação violenta como o elemento necessário para modificar o curso político. Arendt observa ainda que o conceito de progresso dentro de qualquer teoria da história de vertente teleológica está em flagrante contradição com o nosso século, dados os eventos totalmente inauditos que nele ocorreu. Não obstante, trata-se de pensar, de acordo com a autora alemã, o progresso como uma “fé cega”, que encontrou aceitação universal devido aos avanços das ciências naturais e a crença subjacente de que estas seriam ciências “universais”, responsáveis pela tarefa hercúlea de explorar ilimitadamente o espaço e de “elear a estatura humana.” Por fim, será possível concluir que estes dois vieses são rechaçados por Arendt, pois o progresso não é mais válido como parâmetro para se medir e avaliar a ação humana.

## EUGENIA, EDUCAÇÃO MATRIMONIAL E DIREITO NA OBRA DE TEODOLINDO CASTIGLIONE (1940 - 1945)

Hajane S. Kautnick  
Universidade Estadual do Centro - Oeste - UNICENTRO  
hajanes3@gmail.com

Trataremos de analisar aqui a obra 'A eugenia no Direito de família: o Código Civil brasileiro e a lei sobre a organização e proteção da família perante a eugenia, do jurista Teodolindo Castiglione, que em sua narrativa elucida a trama dos debates entre intelectuais higienistas, eugenistas e juristas sobre o decreto Lei 3.200 de 1942, emenda que visava a proteção dos laços familiares perante a ética legal e moral eugênica, e que pedia a derrogação do art. 183 do Código Civil de 1916, o qual vigorava no seio legislativo brasileiro desde tal ano, e que guardava o direito das pessoas. Esse embate trará discussões acaloradas sobre a política eugenista e seus critérios seletivos, e uma lei que não interferisse na vida privada das pessoas e suas relações. O decreto Lei 3.200 do código civil era um projeto de emenda apresentado por dois intelectuais, Alvaro de Carvalho e Elói de Sousa, que com condutas eugênicas pretendiam supostamente salvar a nação de uma geração 'degenerada'. No início do século XX, a eugenia passou a despertar interesse não apenas de médicos, sanitaristas e educadores, mas também de setores da elite brasileira preocupada com a regeneração do "homem brasileiro". O discurso eugênico emergia em meio crescente nacionalismo que estimulava grande parte da intelectualidade a propor alternativas para a emergente reforma social, para interferir no chamado "problema racial" e no "atraso civilizacional" em que o país estava mergulhado (STEPAN, p, 335, 2004). Esses aspectos permeiam as discussões dos juristas na obra analisada, no qual a elite

local, convencida do poder da ciência em estabelecer uma nova ordem ao mundo, entendia que a eugenia poderia desempenhar um papel importante na formação da nacionalidade brasileira, orientando o Brasil a seguir o trilho do progresso e do tão almejado processo civilizador. Roborando o assunto, acima de tudo é fundamental ressaltar um breve exame sobre como este código se estrutura e desse modo compreender como se aplicavam.

## A NOÇÃO POLÍTICA DE LIBERDADE NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Alisson Fernando Costa Pruchniak

Prof. Dr Augusto Bach

Universidade Estadual do Centro - Oeste - UNICENTRO

costaalisson365@gmail.com

Este resumo é parte de um estudo que busca demarcar a liberdade da não-liberdade no pensamento político de Hannah Arendt. Essa investigação tem início no interior do ensaio *Que é Liberdade?*, presente no livro *Entre o passado e o futuro*, e se estende para outras obras, que também fazem parte da produção filosófica da autora. A análise que Arendt empreende da liberdade tem por objetivo primário compreendê-la como “fenômeno político”. A liberdade torna-se política quando, ao dar sentido à ação entre iguais ela se positiva como realidade estável e tangível esta ação que se origina num espaço público, no qual ela pode ser efetivamente exercida. Diante deste contexto, o conceito de liberdade desenvolvido pela pensadora alemã é fator primordial nas suas análises da condição política do homem e da sua crítica à inversão de valores promovida pela modernidade. Seu sentido está intimamente ligado ao exercício das atividades públicas, no qual a liberdade passa a existir entre pessoas e externamente ao seu espírito individual, pois ter liberdade, na perspectiva arendtiana, implica em cindir com o espaço da interioridade da consciência e da vontade, para assim colocar em prática a harmonia por meio da ação. Desse modo, sendo para Arendt, o campo da política o campo da ação, o campo da política está no campo do pensamento plural, que é o oposto do espaço de pensamento metafísico, onde acontece o relacionamento do eu consigo mesmo. Em última instância,

como a liberdade para Arendt não pode ser concebida sem política, e ambas não podem ser pensadas sem a ação. O agir para a teórica política não pode ser escondido, deve ser um exercício contínuo que vise deturpar a atividade executada num único instante, para assim possibilitar um revelar ininterrupto de seu ator e atos. Destas demarcações decorre, portanto, sua tese de que a *raison d'être* da política é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação. Portanto, em última instância, a liberdade para Arendt não pode ser concebida sem política, e ambas não podem ser pensadas sem a ação. Assim, o agir para pensadora alemã não pode ser escondido, deve ser um exercício contínuo que vise deturpar a atividade executada num único instante, para assim possibilitar um revelar ininterrupto de seu ator e atos. Deste modo, fica posto que para Arendt é pela convivência humana, e não por indivíduos solitários, que os homens se mostram e revelam suas identidades pessoais.



“O mundo inteiro de nossos fenômenos se divide em duas grandes classes, a classe dos fenômenos físicos e a classe dos fenômenos psíquicos”

Franz Brentano

CONCEPÇÃO:  
GRUPO DE PESQUISA ÉTICA, POLÍTICA  
E CIDADANIA  
UNICENTRO

Realização

